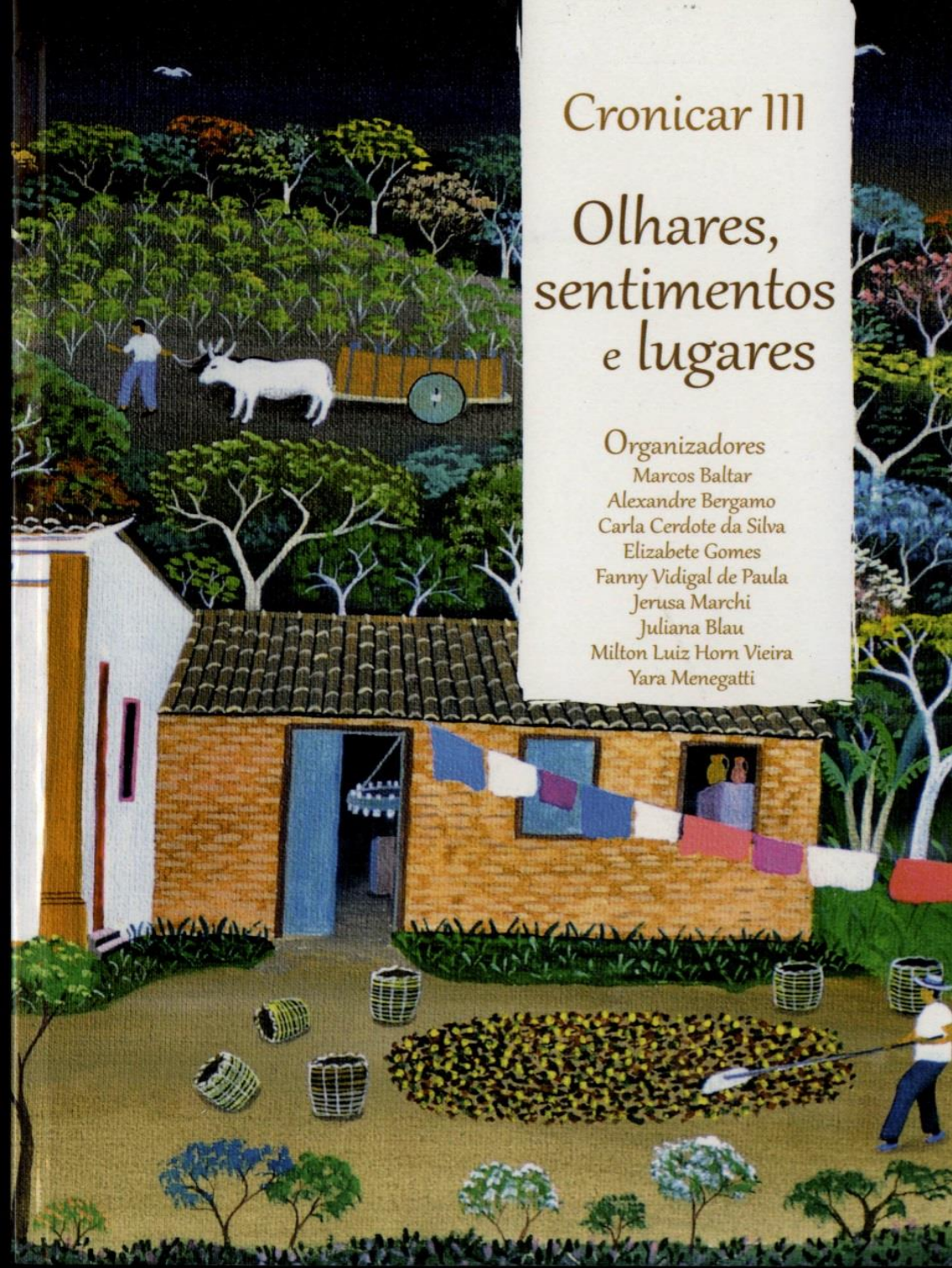




Cronicar III

Olhares, sentimentos e lugares

Organizadores

Marcos Baltar

Alexandre Bergamo

Carla Cerdote da Silva

Elizabete Gomes

Fanny Vidigal de Paula

Jerusa Marchi

Juliana Blau

Milton Luiz Horn Vieira

Yara Menegatti

CRONICAR III:
olhares, sentimentos e lugares

Organizadores

Marcos Baltar
Alexandre Bergamo
Carla Cerdote da Silva
Elizabete Gomes
Fanny Vidigal de Paula
Jerusa Marchi
Juliana Blau
Milton Liuz Horn Vieira
Yara Menegatti

CRONICAR III:

olhares, sentimentos e lugares



Florianópolis
2013

© 2013 Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

Catálogo na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

C947 Crônicas III : olhares, sentimentos e lugares /
organizadores: Marcos Baltar... [et al.]. – Florianópolis:
UFSC - Biblioteca Universitária, 2013.
128 p. : il.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-65044-10-3

1. Crônicas catarinenses. I. Baltar, Marcos. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária.

CDU: 869.0(816.4)-94

Créditos

Realização Universidade Federal de Santa Catarina
Secretaria de Gestão de Pessoas
Departamento de Desenvolvimento de Pessoas
Coordenadoria de Capacitação de Pessoas
Gabinete do Reitor. Biblioteca Universitária
Revisão: Ana Luiza Nunes dos Santos e João Paulo Prilla
Fotos: Alexandre Bergamo
Normalização e diagramação: Yara Menegatti
Capa: Natalia Ordobás Bortolós
Imagem da capa: detalhe de “Casarão de Santo Antônio de Lisboa” (2010),
de Neri Andrade. Acervo do artista.

Sentir é criar. Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o universo não tem ideias.

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PARTE I: CRÔNICAS	
VOU-ME EMBORA PRO PASSADO.....	15
Adriana da Rosa Cherem	
SACO DOS LIMÕES.....	19
Alécio Carminatti Junior	
ITACORUBI, O BAIRRO EM QUE NASCI.....	23
Allan Sergei Duwe	
O LUGAR!.....	25
Andrezza Rozar	
PARANAÍ QUERIDA DO MEU PARANÁ.....	27
Bina Foloni	
SANTA MARIA – AME-A OU DEIXE-A!.....	29
Carla Cedorte da Silva	
(IN)SEGURANÇA NA UFSC.....	33
Dante Crespo Drago	
FLORIPA PARA TODOS OS GOSTOS E ORIGENS.....	35
Eliane Franca Pereira	
ITAJAÍ BELA E SONORA.....	37
Evandra Castro Donatti	

A PALHOÇA REJEITADA.....	39
Fabiana Zandonai Poeta	
FLORIPA “DAX ANTIGA”.....	41
Fernanda Guimarães	
TOULOUSSE, A CIDADE ROSA.....	43
Jerusa Marchi	
A VIDA NA FRONTEIRA.....	45
Jonas Goldoni	
CARVOEIRA: DO MARASMO À NEUROSE.....	49
Marcelo Luna	
DE SANTA MARIA PARA FLORIPA	51
Marco Antônio Schneider	
PEQUENA XAVANTINA.....	53
Nelize Moscon Marafon	
A AVENTURA DIÁRIA DENTRO DO TIRIOTITRI.....	57
Simone dos Santos Vicente	
CIDADEZINHA DE CÉU ILUMINADO.....	59
Tereza Cristina Meurer Antunes	
O SÍTIO DE BAIXO, UM RECANTO.....	63
Tiago Alexandre Viktor	
PARTE II: AUTORES.....	65

APRESENTAÇÃO

Este livro foi produzido pela turma 01/2012 do curso de Leitura Crítica e Produção Textual oferecido pelo Programa de Capacitação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por intermédio da Coordenadoria de Capacitação de Pessoas do Departamento de Desenvolvimento de Pessoas, da Secretaria de Gestão de Pessoas (CCP/DDP/SEGESP/UFSC), entre aulas presenciais e virtuais, oportunizando exercitar o servidor da UFSC na leitura crítica e na produção escrita de diversos gêneros discursivos. Partiu-se do pressuposto de que a comunicação oral e escrita, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, faz parte do dia a dia de todos e, por isso, é importantíssima, pois é por meio dessa competência que conseguimos interagir, trabalhar, viver e conviver.

Cronicar é um livro que foi escrito num momento em que o conceito de capacitação na UFSC começou a ser reengendrado, o espaço desterritorializado, o tempo flexibilizado, e o servidor passou a ser visto como um sujeito autoconfiante, autorreflexivo e atuante, dotado de um nível de reflexão conceitual no qual lhe é permitido criatividade, liberdade, reinvenção.

Portanto, este livro, já na sua terceira edição, continua sendo um libelo contra as quimeras preconcebidas acerca do servidor público – aquele que só faz o operacional, podendo também ser considerado como uma fonte de referência de tudo que esse mesmo servidor sabe e pode dizer. Do além que pode chegar, do quão por meio da sua escritura textual pode quebrar a chara do “não sei escrever”, do quão cada letra posta com outra vai compor a alegoria da sua crônica travestida pela subjetividade versus o fato, podendo vir a afirmar: “Sim, eu posso cronicar!”.

Os autores – servidores da UFSC –, nesta edição que sai em formato impresso e eletrônico – *E-Book* – emblematicamente intitulado *Cronicar III*, consolidam uma experiência de escrita dos gêneros crônica e autobiografia, posta para além da *performance* imediata de um aluno escritor.

O projeto alça voo, visita lugares, capta olhares e mostra sentimentos diversos aos que se deixam envolver pelo verbo Cronicar. Esta edição inova ao trazer as autobiografias dos cronistas, as quais, ao se mesclarem às crônicas, promovem uma nova relação entre leitor, texto e autor. Esta relação de interlocução do leitor com o autor, por meio da história de vida de leitura do cronista, sugere novos movimentos dialógicos, reflexivos e afetivos.

Dezenove crônicas e dezenove autobiografias compõem os acordes dessa sinfonia textual que foge das veredas formais, quebra a senda do *déjà vu*, e põe à prova estilos e linguagens: uma sinfonia que exterioriza o canto *ufsquiano*.

Sim, aqui na UFSC continuamos dizendo eu crônico tu crônicas, nós cronicamos! Embora a “majestosa e bela cidade Universitária”, situada no coração de Florianópolis, também sofra com as misérias do cotidiano, como toda cidade ela também é afetada pela violência urbana. A comunidade se pergunta e os Titãs respondem “polícia para quem precisa de polícia”! Mas nem tudo é miséria por aqui. E os cronistas que aqui gorjeiam sabem disso e escrevem suas próprias histórias de vida e de leitura. Sabem que “Florianópolis é uma cidade para todas as tribos e todos os gostos”. “Florianópolis é o resultado de uma miscigenação sem limites”, o que enriquece a cultura local, sem deixar de preservar as suas raízes açorianas. Só em Floripa, por exemplo, se pode viver “uma aventura no TITIO-TITRI”, acompanhado de uma boa leitura e de uma boa música. A Floripa “dax antiga”, da época do *manezês* e não do espanhol

e inglês. Do berbigão com pirão d'água e não do *big* sanduichão. Cacupé, tem “o mais lindo pôr do sol de Florianópolis”, sabias? É preciso dizer que o Saco dos Limões já recebeu o presidente Getúlio Vargas, que plantou no pátio da escola homônima um pé de Pau Brasil, que está lá até hoje! Sincera é a fala do cronista quando admite que “a melhor época de sua vida foi no condomínio Oxford do bairro Carvoeira”, com suas ruas de nomes de flores. “Nós fazíamos de tudo, até escrevemos um livro acerca das nossas aventuras”... Um cronista analista declara que no Sítio de Baixo – bairro dos Ingleses – é possível caminhar pela rua sem que alguém venha a lhe pedir “um real”, a sua carteira ou, no caso dos mais abruptos, a sua alma. E relata: “tenho um camarada que mora entre as servidões Ipanema e Leonardo da Vinci, que em momentos de lisérgico devaneio e fusão afirma ter visto o balançado da *Garota Vitruviana* flanando por ali”. Quem se daria conta dessas coisas, se não conjugássemos o verbo cronicar?

Bem próximo de Floripa está a cidade de Palhoça. Palhoça é casa de palha, casa de índio, coisa que não se vê por aí. Palhoça tem vulcão adormecido – Cambirela –, tem Pedra Branca, tem ilha, rio e cachoeira. Palhoça tem prédio histórico e prédio moderno, tem até *shopping*, “ó lhó lhó”! Palhoça tem Picadas do sul e Picadas do Sul é “O lugar” em que os vizinhos ainda frequentam nossas casas.

De Itajaí vem a lembrança do apito do cargueiro que adentra o canal e traz esperança de trabalho árduo para os estivadores. O apito soma-se ao repertório de sons do local que ecoam no Itajaí-Açu.

No oeste catarinense, mais precisamente em Xavantina, cidade cercada por vários montes e encostas, o cronista explica que “do primeiro ao décimo dia de cada mês as famílias recebem o pagamento do leite e vão correndo para a cidade

pagar a conta da luz, fazer o rancho do mês, cortar o cabelo e comprar tudo mais de que precisam”. “Aceitas cheque do leite”? Há também Anitápolis, da guerreira Anita Garibaldi. “Cenário da minha infância, cidade que abrigou muitos dos meus sonhos, despertou minha imaginação, presenciou boa parte da formação do meu caráter, assistiu muitas das minhas brincadeiras”, diz a cronista emocionada.

E a vida não é bela somente sob a aura da Santa Catarina. Podem acreditar que La vie en rose é em Toulouse – França, às margens do rio Garona. “La ville rose aquece o coração dos que a conhecem” com sua gastronomia sua atmosfera artística... No sul do Brasil, Santa Maria é uma cidade dos extremos: “ou está frio de congelar a alma e “renguear cusco”, ou está quente de torrar a pele e de queimar neurônios”. Aliás, Santa Maria e Florianópolis têm de semelhante o fato de abrigar muitos forasteiros e a presença constante dos ventos. Por exemplo, lá é vento norte, aqui é vento sul.

Foz do Iguaçu é cosmopolita no olhar do cronista: tem as cataratas, tem “brimo”, tem “china”, carro paraguaio e vinho argentino, para o deleite dos (ex) funcionários da Usina, com seus crachás vermelhos que valem mais do que carteira de identidade.

Da junção do nome de dois rios surge a cidade de Paranavaí, cidade do clube Campestre e das praças da Xícara e dos Pioneiros. Do pátio da igreja onde a menina adolescente “comia amendoins e todo tipo de guloseima vendida no local”.

Muitos cenários, Muitos olhares, muita emoção! Visto daqui da UFSC, da ótica do Cronicar, a vida é bem mais interessante.

Boa leitura a todos!
Elizabete Gomes e Marcos Baltar

PARTE I
CRÔNICAS

VOU-ME EMBORA PARA O PASSADO...

Adriana Cherem

Meu Cacupé de hoje tem iluminação pública, fazenda de ostras e condomínios horizontais fechados em grande número.

Mas... O que foi feito dos vaga-lumes? Onde estão os gorjeios dos pássaros? E os siris e camarões, que dizem as boas línguas, se pegavam até com as mãos?

Fazenda no meu tempo de criança era local com muito gado, e não fazenda de ostras. E não é que isso também já chegou ao meu Cacupé?

Condomínio era palavra que só conhecia quem vinha de grandes metrópoles, e não é que meu Cacupé já tem um montão disso também?

Ah, meu Cacupé... Nome de origem indígena que significa: verde por trás do morro. Se não fosse pela insistência de alguns, até teus morros teriam desaparecido, porque verde já tem muito pouco, assim como os acessos públicos para a orla, que conta hoje com muitos acessos privados.

Uma das vitórias mais significativas da participação popular foi a derrubada da proposta que visava permitir a construção de prédios de dezoito andares na região de Cacupé. Acreditem! Isso foi proposto pelas “cabeças pensantes” (ou seriam não pensantes?) de Florianópolis. Ufa! Obrigada, comunidade, vocês evitaram um adensamento ainda maior do solo, contribuindo para que não tivéssemos aqui uma nova Torre de Pisa.

Ah, que saudades das conversas nativas, que giravam em torno do peixe que precisava ser “consertado”, do “açucrer” que subiude preço, o “vento sulí” que já tá uma “diarada” e que

“dijaoje” a “disgramida” da vizinha começou a “azucriná” o “desinfeliz” do marido.

Quem dera tivesse ainda os 50% de nativos que por lá moravam na década de 1980. Em tão pouco tempo se foram, e hoje se formos contá-los nos dedos da mão, ainda sobram dedos. Não sei onde se meteram. Aos poucos foram sendo empurrados para outras bandas. Foram substituídos por paulistas, gaúchos e outros em menor número, que foram se “aprochegando” de uma maneira “braba”, sem perceber que estavam “istrovando”. Que gente mais “intojada”, “intiziquenta”, esse pessoal de fora, diziam alguns.

Mas esses também se renderam ao encanto monetário, que falou “magi” alto. Parece terem levado consigo os siris, camarões, cocorocas, canhanhas, tanhotas que facilmente eram capturadas pelos pescadores artesanais.

A ostentação dos condomínios não combina com a simplicidade de alguns moradores e a tranquilidade do mar, onde ainda se arriscam a lançar a tarrafa e trazer junto com o peixe, alguns ouriços, baiacus e bagrinhos.

Ah, que saudade! Quando meu Cacupé era um arraial com estrada de barro e iluminado pela lua e pelos vaga-lumes...

A estrada era chamada Rua Geral, hoje ostenta o pomposo nome de Rodovia Haroldo Soares Glavam, em homenagem não a algum nativo, mas sim a um ex-presidente da Fecomércio.

Quanta coisa substituída pelo progresso...

E onde ficou o medo pela *Encantada*? Cruz credo, a noiva que aparecia para alguns privilegiados, que só retornavam para casa após alguns dias sem saber direito o que lhes havia acontecido. Preciso “assunta” melhor, para ver o que aconteceu.

Ah! Mas uma coisa não conseguiram tirar de Cacupé: o mais lindo pôr do sol de Florianópolis. Para lá acorrem os

enamorados que fazem juras de amor na despedida diária do rei dos astros.

SACO DOS LIMÕES

Alécio Carminatti Júnior

Incorporado à Ilha de Florianópolis, o Bairro Saco dos Limões é tido, hoje, como um bairro nobre por sua proximidade com o Centro da Cidade, UFSC, Trindade e outros bairros importantes da região. Está cercado por morros, incluindo o Maciço do Morro da Cruz, e os morros da Costeira. Em razão de estar voltado para o sul, os ventos são predominantes no local, de forma que, no inverno, as temperaturas são mais baixas, se comparadas às das comunidades próximas.

A denominação de Saco dos Limões deriva, em primeiro lugar, da configuração geográfica que lembra um saco, ou seja, uma enseada longa e bem fechada. No caso, a região banhada pelas águas desse saco, produzia muitos limões. Foi Agostinho José Mendes dos Reis, filho de José Mendes, quem deu o nome Saco dos Limões a essa comunidade, ainda no início do Século XIX. Passados vários anos, é notório que hoje o nome não tem muita ligação com a atual estrutura do bairro.

Atualmente destaca-se a grande alteração na paisagem do bairro, promovida por força das necessidades viárias. Com o aterro para a construção da Avenida Prefeito Waldemar Vieira, a praia já sofrera grande mudança. Com mais um aterro, agora para a implantação da Via Expressa Sul, e a construção do túnel, a paisagem da antiga praia, onde algumas canoas e redes eram abrigadas em rústicos ranchos e onde se coletava berbigão e camarão, desapareceu. A beleza natural que se via antes, com a gurizada se divertindo nas águas, mesmo poluídas, com suas latas de tinta na mão, mergulhados, catando berbigões, foi totalmente modificada por causa do "desenvolvimento" pouco sustentável.

Seu traçado urbano caracteriza-se basicamente por uma rua principal, a partir da qual saem ruas secundárias, tipo "espinha de peixe". Em uma pequena área junto ao Morro da Caieira, existe um loteamento antigo, com traçado retangular, denominado Vila Operária, devido à presença de trabalhadores que atuavam como estivadores - profissão muito comum no tempo de nossos avós, os quais moravam na região. Por decisão política de um vereador do bairro, era proibido construir prédios, e casas, apenas de dois pavimentos. Mas foi só o vereador perder sua vaga na Câmara de Vereadores, que tudo mudou. Começou o crescimento verticalizado no bairro. Primeiro foi o São Francisco, com apenas três andares, mas com oito blocos. Depois veio o Feijó Vieira, com quatro andares e com dez blocos. Hoje, temos construções com dez andares. Onde isso vai parar?

Supermercado não existia. Comprávamos com caderneta, o tal do fiado, na venda do Teco, Seu Vitinho, Dona Letícia, e o maior de todos, por vender até materiais de construção, a venda do Seu Vadico. Todo mundo se conhecia. Era um "oba" pra lá, um "oba" pra cá, um "táx tolo, táx", e por aí vai. E até isso está desaparecendo. Os manezinhos do bairro agora estão letrados. Aliás, há uma mistura tão grande de culturas e povos no bairro, que os manezinhos mesmo, da gema, estão desaparecendo. Falta pouco para deixarem de existir.

Todos os filhos dos mais antigos estudavam no Grupo Escolar Getúlio Vargas. Escola que ficou famosa por ter recebido a presença do então Presidente da República Getúlio Vargas, que plantou no pátio central da escola, um pé de pau-brasil, que está lá até hoje. Só o nome da escola mudou. De Grupo Escolar para Colégio Estadual Getúlio Vargas, e abrange alunos não só do bairro, mas também das regiões próximas.

Muita coisa mudou no Saco dos Limões. Não se conhece mais ninguém! Caras novas vindas de outras cidades e até estados provocam um crescimento desordenado no bairro, com invasão dos morros, e com a construção de cada vez mais prédios. Não há estrutura para tal crescimento. Não houve uma projeção futurista dos governantes em relação ao crescimento do bairro. Onde isso vai parar?

É muito triste pensar que toda alegria, diversão, segurança e a cultura de um povo nativo, pescadores que tiravam das águas da Baía Sul seu sustento, basicamente não existe mais. É triste saber que não há nenhuma ação política para manter as tradições, e pior ainda, não há nenhuma ação do povo para lutar por suas tradições.

ITACORUBI, O BAIRRO EM QUE NASCI

Allan Duwe

Nasci em 1975 na bela Florianópolis, Ilha da Magia, capital de Santa Catarina. Um lugar paradisíaco, com muitas praias, muito verde, muita gente bonita e qualidade de vida. Foi no Bairro Itacorubi que meus pais construíram a nossa casa, em 1980. Que saudades dessa época! É uma pena a rapidez com que as coisas mudam... Algumas, infelizmente, para pior.

Era um bairro tão pacato e sossegado para morar. As crianças brincavam livres pelos terrenos ainda sem donos, cheios de árvores, trilhas, cachoeiras e córregos límpidos.

Lembro-me que nessa época sabíamos direitinho o nome dos pais e dos filhos de quase todos que moravam ao nosso redor. Andávamos pelas ruas cumprimentando a todos que passavam e, de um dia para o outro, fazíamos mais amigos. Hoje existem tantas casas e tanta gente morando lá que não conhecemos mais ninguém. Todas as casas possuem muros altos, com cercas eletrificadas, câmeras de vigilância e monitoramento vinte e quatro horas, quase mais seguras que alguns presídios.

Os prédios residenciais não existiam no Itacorubi, mas hoje há mais pessoas morando em apartamentos do que em casas. E o que mais me impressiona é o valor que as pessoas pagam para morar nesses apartamentos, ou melhor, nesses cubículos. Como, hoje em dia, uma família consegue viver numa área tão mínima? Muita coisa mudou!

Recordo-me da facilidade que era se locomover entre os nossos bairros. Rapidinho chegávamos onde queríamos. Quinze minutos eram suficientes para sairmos de casa e chegarmos ao centro da cidade. Hoje, devemos nos planejar antes de ir a algum

lugar, pois dependendo do horário, torna-se uma verdadeira guerra entre pessoas atrasadas e presas nos congestionamentos.

Aí que eu me pergunto: onde está a tão anunciada nacionalmente “qualidade de vida”?

Moramos em bairros cada vez mais congestionados; as nossas praias, cada vez mais sujas, servem mais aos nossos turistas do que a nós próprios; a violência está cada dia aumentando; as crianças não brincam mais nas ruas como há alguns anos. Elas, melhor dizendo, os pais delas preferem que fiquem em casa, sob seus olhos, “presas” nos seus cubículos.

Engraçadas são a origem e a tradução da palavra Itacorubi. Segundo o dicionário tupi-guarani, a palavra quer dizer “rio das pedras esparsas”. Realmente, quem é morador antigo sabe o porquê dos índios terem dado esse nome ao meu querido bairro, mas hoje, podíamos mudar essa tradução para: “sem rio, só prédios sem espaços”.

Eu, que presenciei toda essa radical mudança no meu bairro e em grande parte da nossa “tão linda” cidade, resolvi sair do Itacorubi. Hoje, moro em um condomínio residencial fechado bem ao sul da ilha, onde ainda pode-se dizer que há paz, tranquilidade e qualidade de vida. O que não sabemos é até quando...

O LUGAR!

Andrezza Rozar

O lugar que vou descrever não é o mais cômodo. É um bairro pequeno. Não é um bairro grande, desenvolvido, cheio de comodidades. Aliás, podemos chamá-lo de lugar “não cômodo”. Fica longe do supermercado e a comunidade é atendida por um mercadinho, sabe: aquele tipo vendinha que comercializa de tudo, do material de limpeza ao pão. Olha o absurdo, na vendinha não tem aquelas coisas supérfluas que compramos e nem sabemos o motivo. Além do mais, não tem a fila interminável do caixa. E sem fila, ah, não tem graça.

Se parar para pensar... esse lugar não é um bom lugar para morar. Não é badalado à noite. Não tem bandos de jovens passando gritando. Também não tem um grupinho que faz esquentinha, acho que é assim que se chama o encontro do pessoal que se reúne para beber e depois sair e beber mais, enfim, esses com som alto na frente da nossa casa e que bebem, falam alto e só depois entram no clube que abriu em frente. Bem, o silêncio da noite é algo perturbador.

E a vizinhança então, essa nem se fala. Os vizinhos do tal lugar falam com você, desejam “bom dia” e até parece que te desejam isso mesmo de verdade. Onde está a frieza deles? Por que simplesmente não fingem que não te veem? Esses vizinhos frequentam sua casa, quando fazem bolo levam um pedaço para você. E se tem gente doente na família, então, os vizinhos logo tratam de ir na tua casa, dar palpites e te ajudar com o enfermo. Já viu uma coisa dessas? Que gente intrometida!

Bom mesmo são os lugares cômodos, os bairros movimentados. Adoro aquele trânsito de manhã cedo, praticamente na janela do quarto. Som de passarinho para

acordar pra quê? Tem buzina à vontade. Sem falar na construção do prédio, logo ali adiante, é bate-estaca o dia inteiro. Isso sim é movimentação. Não há nada melhor do que o aconchego do lar.

Estava me lembrando da minha infância. Eu morava num lugar “não cômodo”. As crianças brincavam na rua. Bola, pipa, esconde-esconde, brincar de casinha, essas brincadeiras perigosas, que exigem um local seguro e apropriado, e que expõem as crianças ao convívio com outras crianças. Por serem poucos os lugares assim, seguros e apropriados, por comodidade, as crianças brincam de videogame, conversam por computador. Essas brincadeiras sim são seguras. Ah, e nada de proximidade com outras crianças, afinal, não se sabe quem são as outras crianças.

Mas mesmo assim, mesmo sendo um lugar “não cômodo”, um bairro pequeno pode ter cá seus atrativos. Consigo sentir saudades do meu pequeno e pacato bairro, Picadas do Sul. Um lugar bem diferente do novo bairro que moro, o Kobrasol. Como pode a mesma cidade, São José, abrigar bairros tão diferentes? Picadas do Sul é, na sua simplicidade, o lugar perfeito para quem não gosta da fila do supermercado, de dormir ao som do agito noturno, quer estar rodeado com pessoas que se importam com você, ter a tranquilidade sonora durante o dia e oferecer uma infância mais ativa para as crianças. Se isso é não ser um lugar cômodo, Picadas do Sul é “O lugar”.

PARANAVAÍ QUERIDA DO MEU PARANÁ

Bina Foloni

Fundada em 1951, localizada a 500 km de Curitiba, essa cidade de 80.000 habitantes no Noroeste do Paraná nos recebe sempre de braços abertos!

Apenas pensar em Paranavaí, cidade que recebeu esse nome porque está entre os Rios Paraná e Ivaí, traz-me inúmeras recordações. Pudera, passei minha infância lá! Vivi nesse simpático lugar até os meus doze anos de idade.

Há diversas praças, e uma das mais belas é a Praça Dr. Sinval Reis, mais conhecida como Praça da Xícara, pois tem uma xícara gigante no seu centro - xícara essa que é uma fonte luminosa e que representa o período em que o café era a principal fonte geradora de divisas para o município. A Praça dos Pioneiros é também uma grande e conhecida praça. Tive a felicidade de ver Os Trapalhões lá! Sim, Os Trapalhões, e os quatro! A Catedral da cidade é muito linda, fica bem próxima ao Colégio São Vicente de Paulo, conhecido também como o Colégio das Irmãs, onde estudei até o segundo ano primário. Lembro-me de ir ao pátio da Igreja comer amendoim e outras guloseimas vendidas no local.

Como em toda cidade pequena, Paranavaí possui e possuiu também suas figuras “folclóricas”. Entre essas figuras pode-se mencionar o famoso “Negão do Suruquá”, um afrodescendente que vivia isolado às margens do rio Suruquá e ia periodicamente até a cidade para vender o que plantava e comprar artigos dos quais necessitava. Sua figura era realmente de chamar a atenção: cabelos rastafári, longa barba grisalha, vestido praticamente com trapos e assobiando canções que só ele conhecia. Contavam-se muitas histórias acerca dos motivos que o levaram ao

isolamento, mas nenhuma se confirmou. Nosso querido Negão do Suruquá faleceu tragicamente no incêndio de sua choupana, no início dos anos noventa. Virou poema de Paulo Campos, grande poeta, escritor e advogado da cidade: “Qual seria seu nome? Sebastião, Joaquim? Ou seria mesmo Negão do Suruquá? Que importância isso faz? Basta suas lembranças, Seu assobio incerto, De Canções demais”.

Não há praias próximas a Paranavaí, mas a cidade conta com diversos clubes excelentes! O que eu frequentava era o Campestre, ia sempre com meu irmão. Lembro-me das quatro piscinas de lá: a infantil, a redonda, a quadrada e uma em formato do número oito. É uma área enorme, com bosque, e tem até um macaquinho! A única desvantagem em ir ao Clube era o cheiro de morte vindo de um matadouro que ficava no trajeto.

Hoje, a pequena cidade tem até shopping! Foi inaugurado em dezembro de 2011 e fica em frente à Prefeitura. Tive a oportunidade de conhecê-lo em fevereiro. E é lindo!

Paranavaí, quando vou até você tenho vontade de ficar o máximo de tempo possível. Moro em uma cidade repleta de belezas naturais e com baladas internacionalmente conhecidas. Mas, minha querida Paranavaí, se eu tivesse oportunidade, eu voltaria para você!

SANTA MARIA: AME-A OU DEIXE-A!

Carla da Silva

Santa Maria! Para quem nunca ouviu falar, Santa Maria é o nome de uma cidade que fica no interior do Rio Grande do Sul, localizada mais precisamente no coração dele. Vários adjetivos foram levantados para defini-la: Cidade Cultura, Cidade Universitária, Polo Comercial, Cidade Ferroviária e Polo Militar. Acho que, analisando de maneira mais carinhosa, podemos visualizá-la como uma montanha russa. Não confunda esse nome apenas com diversão, embora também tenha, mas vamos com calma. Há várias subidas e descidas, falando literalmente, pois é uma cidade de altos e baixos, com ruas e avenidas que sobem e descem. Então quando você está descendo, e acha que seus problemas acabaram, lá vem outra subida e pior que a anterior. E isso ensina você a ser corajoso ou, se não, te deixa com belas pernas. A cidade foi construída dentro de um morro e muitos a chamam também de buraco. Acredite: é um buraco. Não é um buraco de mesa de sinuca, mas é perdida em meio ao verde, pois se encontra rodeada de morros. É a cidade dos extremos, ou está frio de congelar a alma ou “renguear cusco”, como falam os gaúchos, ou está quente, quente de torrar a pele, quente de queimar neurônios.

É uma cidade de ventanias e chuvas de granizo. Você pensa que a cidade é abençoada, porque as tempestades passam e ela continua lá, totalmente intacta. Não é à toa que tem nome de santa. Cantam os católicos como “*Maria de todas as graças*”. No inverno é uma cidade fria e cinza, só falta a neve para encerrar com chave de ouro. O outono com suas garoas que molham até o dedão do pé, e o verão que alcança temperaturas de até 40 graus à sombra, parece que a qualquer momento as

ruas pegarão fogo. E não pense que tem onde se refugiar de tudo isso, pois as casas não têm lareiras, quando chove não estamos em férias e no calor não tem praia. Mas em compensação temos a primavera, e a primavera é linda e aconchegante em Santa Maria, que nem a casa daquela tia que você mais gosta, que faz doces para você e deixa você assistir televisão em vez de fazer a tarefa de casa. Nessa estação fica tudo multicolorido, com montes de árvores e plantas cobertas de flores e a sensação térmica fica parecida com a brisa do mar. Então você se sente revigorado e vivo. Essa sensação é realmente incrível e inesquecível.

Mas, apresentando o resto dessa terra, é uma “pequena grande cidade”, que tem coração de mãe de verdade. O famoso ditado “Sempre cabe mais um” é perfeito para ela. Ela fica lá, com todos os seus inconstantes, de estação a estação, e todo o ano recebe milhares de pessoas, que vêm de todas as partes do estado ou até mesmo do país, por possuir uma das maiores universidades federais do Brasil e por ser também um dos maiores polos militares do Exército e da Aeronáutica. Essa movimentação toda é energética e, então, chega um momento em que você pensa que a cidade fala. E não só fala, grita pelos quatro cantos muita música, muita agitação, avenidas lotadas, calçadões, praças, e tudo é muito alegre e divertido. Se você tiver a mínima dúvida de onde quer ir, tire na sorte: onde quer que seja, você não irá se arrepender. As casas noturnas, principalmente para os solteiros de plantão, são repletas de gente bonita e de alto astral, os bares sempre têm belas músicas e uma cerveja gelada que agradam a qualquer paladar. E sem esquecer-se dos restaurantes dos mais variados tipos, que são excelentes, onde não se quer mais parar de comer: pizzas, x-burger (com certeza o melhor do mundo), pastéis gigantes e churrascarias, obviamente. Realmente se preocupe com o peso, pois perder o

controle diante de tantas tentações é tão fácil quanto tomar água. E tem a melhor parte: o preço é acessível a todos e a cidade tem os mais variados ambientes para agradar a maioria dos gostos e os mais variados bolsos.

Mas, nem tudo são rosas, e a cidade tem lá seus problemas como qualquer outra. O maior buraco de camada de ozônio do Brasil está lá, e sua hospitalidade não é respeitada como deveria. Infelizmente a cidade é totalmente suja, as ruas são cheias de lixo e os muros são pichados. De noite ela parece um tanto quanto sombria devido ao descaso das pessoas e até mesmo das autoridades, as quais também deveriam valorizar mais tamanha realeza. Realeza sim, pois, apesar de tudo, é nobre, conquista pessoas e aquieta corações. E quando temos que deixar essa cidade, quando nossas chances de viver nela se acabam, a sensação é de que chegamos ao fim de um de romance profundo e então somos atingidos por um sentimento de angústia e monotonia que não passa. Ela se torna índice de referência para qualquer coisa que se faça em outro lugar e dificilmente é vencida. Mas, como foi falado anteriormente, Santa Maria é como “coração de mãe” e toda vez que se decide fazer uma visitinha, é como se você pudesse reviver tudo outra vez. É como se você estivesse simplesmente voltando para o lar.

A escolha é sua: como cidade dos extremos, se sobe muito ou se desce, ou faz frio ou faz calor, só resta escolher entre conhecê-la ou não. E se por acaso optar pela primeira opção, não se arrependerá, pois por mais frio ou quente que possa parecer, as flores, as pessoas, o ar, o lugar, transformarão sua vida e você nunca mais será o mesmo.

(IN)SEGURANÇA NA UFSC

Dante Crespo Drago

Ah! A Trindade! Berço da nossa majestosa cidade universitária, da UFSC!

Ah! A UFSC! Majestoso berço de estudantes universitários de todas as áreas do conhecimento, das exatas às humanas! Majestoso berço onde crescem cidadãos de nível superior! Estudantes! Futuros graduados, pós-graduados, mestres, doutores e pós-doutores! Cidadãos de bem que dedicam suas vidas ao estudo, ao profissionalismo, a uma carreira e a um futuro.

Estudantes simplesmente querem estudar. Querem uma boa universidade, com uma boa estrutura física, bons professores, ensino de qualidade, uma rica biblioteca, e tudo mais. “Vossa Majestade” tem provido tudo isto aos seus “súditos”. Seus “súditos”, entretanto, só não querem uma coisa: a presença da Polícia Militar no campus.

O DESEG (Departamento de Segurança da UFSC) há tempos se mostra insuficiente (ou devo dizer ineficiente?) para prover a segurança dos estudantes no campus. Furtos de bicicletas, furtos de carros, assaltos a estudantes, – temos até um flagrante em vídeo no Youtube de uma estudante que reagiu a um assalto e teve seu pescoço ferido por um estilete, que por pouco não atingiu sua artéria – uso e tráfico de drogas, vandalismo e depredação ao patrimônio da UFSC já se tornaram banalidades.

A grande novidade é sequestro relâmpago! Isso mesmo! Sequestro relâmpago! E digo mais, em plena luz do dia! Ao meio dia, para ser mais preciso. A estudante de arquitetura só não foi estuprada, morta, esquartejada e dada de alimento aos

cães porque teve a sorte de ser vítima de um bandido “bonzinho”.

Então... Furtos, roubos, assaltos, drogas e agora até sequestro! Tudo bem, mas a presença da Polícia Militar no campus, os estudantes não querem! Porque polícia no campus é sinônimo de repressão, de ditadura, de medo. Medo de quê? Quem tem medo de polícia? Que tipo de estudante tem medo de polícia?

A presença da Polícia Militar no campus é um grande e necessário reforço para que o DESEG possa cumprir a sua missão com mais eficiência. Segurança pública é um dever do Estado e um direito de todos!

FLORIPA PARA TODOS OS GOSTOS E ORIGENS

Eliane Pereira

Florianópolis é uma cidade para todas as tribos e todos os gostos. Sua extensão comporta inúmeras possibilidades: praia, montanhas, festas, esportes, artes e história. É um local urbanizado, mas, ao mesmo tempo, possui um ar receptivo e aconchegante como uma cidade do interior.

Para quem gosta de praia, sol e mar, Floripa é o melhor lugar. Há desde as badaladas, como a Praia Mole, até as desertas, como a do Forte. Sendo que ao todo se contabilizam quarenta e duas belas praias, para todos os estilos e idades.

Os passeios de barco são maravilhosos. Entre as opções mais belas estão os que levam até a Ilha do Campeche e até o Forte de Anhatomirim, bem como os que passam pela enorme Costa da Lagoa. Esses locais foram anteriormente habitados por povos antigos, os quais deixaram a marca de suas histórias nas pedras ou nos casarões.

Mas Floripa também tem aventuras por meio de esportes radicais: alpinismo, *sandboard*, surfe, windsurfe, mergulhos, salto de paraquedas, voos de asa-delta, trilhas, entre outros. Para os mais conservadores, há a possibilidade de caminhadas na praia ou na própria Beira-Mar, ciclismo, patinação e maratonas. Não é à toa que a cidade foi considerada, segundo pesquisas recentes, o lugar onde as pessoas mais se exercitam por meio de atividades esportivas.

Há pessoas de diversas origens residindo em Floripa, de vários estados brasileiros e de vários países, como argentinos, italianos, espanhóis, dentre muitos outros. Assim, a cidade é resultado de uma miscigenação sem limites, o que enriquece a cultura local, sem deixar de preservar as suas raízes açorianas.

Sua história está impressa através de monumentos, prédios - como o Mercado Público, praças e o calçadão. A arte, o cinema, a música estão presentes pela cidade toda, seja nos bares da Lagoa da Conceição ou nas rodas de samba no centro da cidade.

A cidade conserva a sua história também por meio de festas religiosas e também de origem açoriana, como a Festa da Laranja, a Festa do Divino, a Festa de Santo Antônio de Lisboa, entre muitas outras.

Há também a Fenaostra, o Carnaval com o desfile das escolas de samba, e não podemos esquecer, é claro, do futebol do Avaí e do Figueira, que divide a cidade em dois tipos de torcedores, um tanto quanto interessantes e apaixonados.

Ainda há o lado místico, misterioso, fantasioso, pois Floripa é, sem dúvida, a Ilha da Magia. A história local diz que aqui existiram ou ainda existem bruxas, lobisomens e seres inimagináveis. Para quem a conhece, sabe que ela emana energias inexplicáveis e ao mesmo tempo maravilhosas. Energias diferentes de tudo o que alguém já sentiu algum dia.

Para finalizar, tenho que dizer que não há nada mais belo do que o pôr do sol de Floripa, visto por diversos ângulos, de diversos locais. O fim de tarde à beira mar é uma cena belíssima que anima a todos, seja depois de um dia cansativo de trabalho ou um dia das suas férias tão esperadas. Beleza, calor, ânimo... Ingredientes insubstituíveis para a saúde e felicidade das pessoas que aqui vivem ou já tiveram a oportunidade de conhecer esse pedacinho do céu.

ITAJAÍ, BELA E SONORA

Evandra Donatti

Um forte apito. Mais um. Um navio entrando ou saindo? Levanto e olho pela janela. Lá está ele, está entrando. Um lindo cargueiro anunciando sua chegada. Lentamente adentrando o Rio Itajaí-Açú através da barra. Vem trazendo esperança, trabalho, e árduo trabalho aos estivadores do porto.

Uma cena tão comum na minha infância, que nada me chamava atenção por estar absorvida nas brincadeiras infantis. Mas hoje isso é diferente. Não sei se o som, se o rio ou a saudade me trazem esse sabor...

E logo ali na frente, a praça, outrora cenário de tanta brincadeira e descobertas. Hoje, palco de apresentações do folclore português para turistas. Folclore português? É, português. Anunciando a grande festa! A grande Marejada, uma festa tipicamente portuguesa que coloca Itajaí na agenda das festas de outubro.

E a Igreja da Imaculada Conceição está ali, à frente da praça. Linda, histórica e romântica. Pronta para os espetáculos matrimoniais que se sucedem, décadas após décadas.

A principal rua comercial da cidade, hoje, é a Rua Hercílio Luz. Mas nada de especial. Não, não. Vire-se e olhe a Rua Lauro Müller, siga em frente a caminho do mar. A mais bela aurora pode ser apreciada no Bico do Papagaio. Não é o bico do Loro José. É a praia onde tem uma rocha com o formato de papagaio. Logo ali ao lado da Praia do Geremias e também da Atalaia.

Seguindo à frente pela estreita estrada curvilínea, avista-se a Praia de Cabeçudas. Uma bela prainha, com belas moradas, onde dias atrás a ressaca jogou toneladas de areia sobre as

calçadas. Outrora a praia da moçada, o sonho de consumo dos novos ricos. Hoje, ainda bela, mas esquecida. Fica ali o valor àqueles que a conheceram simples e selvagem.

Mas não é só isso. Itajaí não se resume apenas à memória de uma saudosista. Tem muito mais. Tem belas paisagens, guarda muitas histórias... Um repertório de sons que ecoam no canal da barra do Rio Itajaí-Açú.

A PALHOÇA REJEITADA

Fabiana Zandonai Poeta

Palhoça é casa de palha, casa de índio, coisa que não se vê por aí. Mas Palhoça também é nome de cidade. Cidade que fica do ladinho da capital com nome bem mais bonito: Florianópolis. Palhoça já pertenceu a Florianópolis, até 1833. Depois passou a pertencer a São José e somente em 1894 passou a caminhar sozinha, virou cidade!

Mas coitadinha de Palhoça, do outro lado da ponte e tão rejeitada pelo povo da capital. Palhoça era pequenina e com ar de interior, mas de repente veio um “boom” e deixou-a maiorzinha, mais bonitinha. Ela tem 118 anos e cresceu mais nos últimos 20 do que nos seus primeiros 98. Uma grande parte da população trabalha e estuda na capital, tem família na capital, que está superlotada.

Contudo, ainda assim ela continua sendo Palhoça. Ainda assim o povo nobre da capital dá um sorrisinho e sempre tem uma piadinha na ponta da língua quando o assunto é Palhoça. Palhoça só tem manezinho zinho zinho, suburbano. O povo nobre que muitas vezes nem imagina o que existe depois da ponte, que precisa de um GPS para andar pela própria cidade, que fica do outro lado da ponte. Bom, tem gente que acha que a capital é só a ilha...

Mas então, para quem não sabe, Palhoça tem muito mais que casa de palha. Tem praias, lindas! Tem praça, tem artesanato e folclore, tem festa, tem Serra do Tabuleiro. Palhoça tem vulcão adormecido (Cambirela), tem Pedra Branca, tem ilha, rio e cachoeira. Palhoça tem prédio histórico e prédio moderno, tem até shopping, ó lhó lhó! Mas não é só isso não.

Palhoça tem buraco, tem pobreza, tem povão. Palhoça tem político e tem ladrão.

Não nasci em Palhoça, vim de uma região do estado bem diferente daqui, diferente no falar, diferente na cor da terra, diferente nos costumes. Eu vim do oeste. Vim de Chapecó. Mas já passei mais tempo da minha vida aqui do que lá. Cresci e “virei gente” aqui. E gostei tanto que não vou mais embora, pelo menos não pretendo. Para mim o único problema entre Palhoça e Florianópolis é o caminho, o trânsito que quase enlouquece seus pobres cidadãos... Ó trânsito, se não fosse por ti, minha vida seria tão melhor e mais serena!

FLORIPA “DAX ANTIGA”

Fernanda Guimarães

Sou de Floripa “dax antiga”, da época do *manezês* e não do espanhol e inglês.

Do berbigão com pirão d’água e não do *big* sanduichão.

Saudades dos domingos no calçadão, onde todos se conheciam e se davam as mãos.

Da tainha no arrastão, das festas de Cosme e Damião, da Bernunça e do Boi de Mamão.

Quero Jurerê pra família, Figueira pra simpatia e Sambaqui pra feirinha.

Festa da Laranja pra criançada e missa pra moçada.

Quero carnaval no Centrinho, festinha americana no vizinho e bailinho no escurinho.

Quero esperar no portão o carteiro com a carta da mãe, não o e-mail da multidão.

Ainda sonho com a Terrinha de volta, da Canasvieiras Nacional, e com o meu povo da região.

TOULOUSE, A CIDADE ROSA

Jerusa Marchi

Sim, lá o rosa predomina, nas paredes de tijolos, que no fim da tarde ganham um ar rosado e quente. Toulouse, a cidade construída às margens do rio *La Garonne*, cuja arquitetura remonta à Idade Média. Lá o tempo passa devagar. A antiga muralha da cidade medieval deu lugar ao *Boulevard* que circunda o centro. Por ali, além do comércio, restaurantes e cafés, as árvores enfeitam a paisagem.

Toulouse é um mistério a ser desvendado. As ruas estreitas do centro escondem belas construções. Estas, por sua vez, não raramente, escondem belos jardins internos. Os detalhes da arquitetura, não tão ocultos, passam despercebidos a olhos desatentos. Certamente, um convite para caminhar.

Com suas igrejas e museus, o circuito cultural de Toulouse é rico. Dentre as igrejas mais famosas estão a *Basilique Saint-Sernin*, com sua tumba no subsolo, a *Cathédrale Saint-Étienne* com sua arquitetura singular e a *Église des Jacobins*, com suas imponentes palmeiras. Dentre os museus, encontram-se o *Musée de Saint-Raymond*, com sua coleção de bustos romanos e peças da idade média, o *Musée des Augustins* com suas obras renascentistas e impressionistas e o *Musée Fondation Bemberg* com uma coleção particular de objetos e obras de arte.

No coração da cidade, *Le Capitole* desponta como um lugar especial. Formado pelo prédio da prefeitura, pelo *Théâtre du Capitole* e pela *Place du Capitole*, parece ser um lugar mágico. No chão da praça há um símbolo chamado de *Croix Occitane*. Em cada uma das doze pontas desta cruz um símbolo do zodíaco reluz em bronze. Ao entardecer, as luzes que

iluminam as colunas de mármore rosa do prédio da prefeitura, transformam a fachada, que é um dos cartões-postais da cidade. Lugar ideal para tomar um café e apreciar o vai e vem das pessoas.

Para quem prefere sossego e uma linda paisagem, o *Jardin des Plantes*, o parque *Compans Caffarelli* e o *Canal du Midi* são ótimas opções. Contemplar a transformação da paisagem com o passar das estações é, certamente, um convite para pensar sobre a vida, a existência e as relações. No outono, o verde, aos poucos, dá lugar a tons de amarelo e laranja, como o calor de um abraço e o aconchego de estar com os seus. No inverno, as árvores secas e os caminhos cobertos por folhas trazem a melancolia e a tristeza da morte. Na primavera, o renascimento do verde enche os olhos e o coração de esperança. A diversidade de flores, o cantar dos pássaros e a leveza do ar inundam o corpo e a mente fazendo-nos acreditar que tudo é possível. O verão chega tímido e a luminosidade intensa do dia convida a trabalhar.

Toulouse se distingue não só pelo rosa de sua arquitetura, mas por sua gastronomia, suas feiras, seu sotaque, pela preservação de sua cultura e história, pela simpatia do seu povo. *La ville rose* aquece o coração dos que a puderam conhecer.

A VIDA NA FRONTEIRA

Jonas Goldoni

Talvez a melhor definição de cidade cosmopolita seja Foz do Iguaçu. Nela e na fronteira encontramos e vemos de tudo, ou quase tudo. Localizada no extremo oeste do Paraná, faz fronteira com Argentina e Paraguai. O nome da cidade faz menção ao encontro dos rios Paraná e Iguaçu.

O primeiro rio compõe a terceira maior bacia hidrográfica do país, o qual apresenta uma barragem localizada nessa cidade, onde fora construída a maior hidrelétrica do mundo em geração de energia, a Itaipu. Ah, Itaipu... Fonte das mais divergentes opiniões! Há aqueles que a condenam devido à destruição de um ícone da beleza natural que existira antes da formação de seu reservatório, a chamada Sete Quedas, a qual há quem diga que era tão ou mais bela que as Cataratas do Iguaçu. Já outros a tem como a “mãe”, principalmente os prefeitos das cidades ribeirinhas ao reservatório da usina, os quais recebem milhões de dólares em *royalties*.

Pode-se dizer que a cidade se desenvolveu a partir do surgimento da Itaipu, a qual atraiu milhares de trabalhadores de diversas partes do país. Para comportar tanta gente, a empresa construiu escolas, hospitais, vilas, supermercados e, por fim, desigualdade social. Ao findar as maiores frentes de trabalho na usina, surgiram milhares de desempregados que ficaram a mercê do trabalho informal no vizinho Paraguai, mais especificamente em Ciudad del Leste, a “Meca” da muamba. Os poucos funcionários que restaram na Itaipu apresentam certa “síndrome de assalariado rico”. Acreditam que possuem o melhor emprego do mundo e que estão acima dos demais mortais assalariados da fronteira. Exagero? Nem tanto. Para financiar um carro, comprar

aos milhares na cidade e até mesmo se identificar em blitzes policiais surge o famoso “crachá vermelho”, que os identifica. Identidade, CPF, título de eleitor... Não, não, nem são necessários. Há quem diga que alguns o utilizam como talismã, cartão de crédito e até feromônio.

Mas a cidade não é formada apenas por empregados e ex-empregados da Itaipu. O título de terra da muamba fez com que milhares de aventureiros chegassem até lá. É gente do país inteiro! Uns tiveram sucesso, aproveitaram a época de ouro da muamba (final dos anos 80 até o final dos anos 90) fazendo um bom pé de meia e montando até mesmo o próprio negócio (relacionado com muamba, é claro). O cerco feito pela Receita e Polícia Federal desde então fez com que os negócios oriundos do descaminho despencassem. Sempre que ocorre alguma crise deste tipo a fronteira padece, uma vez que, direta ou indiretamente, mais da metade de sua população depende financeiramente do comércio do país vizinho. Apesar de tudo, a muamba ainda continua forte, pois seguindo o princípio darwiniano, até os muambeiros se adaptam.

Exceto o governo que perde em não arrecadar impostos (e neste assunto o Brasil é *expert*), todos ganham com a muamba. O comerciante – em sua maioria árabes e chineses, o dono da mercadoria, o “laranja”, os taxistas, a rede hoteleira, o boteco da esquina e principalmente os agentes de segurança corruptos. É muito comum ver policiais civis, militares, federais, guardas municipais, ou qualquer outro que possua uma farda, ostentando seus veículos e casas incompatíveis com sua renda oficial.

Apesar de não ser aquela famosa e tumultuada fronteira do Oriente Médio - Faixa de Gaza - nossa fronteira também abriga milhares de muçulmanos, principalmente de origem libanesa (apesar de todos os chamarem de turcos). A maioria

possui lojas no Paraguai. Reconhecê-los é fácil. Se isso não for possível por sua aparência, certamente você ouvirá pelos corredores das lojas um “amigo, amigo, faço preço bom”. Diferente de você, que quando vai a outro país busca aprender palavras básicas - bom dia, olá, obrigado - eles aprendem essa célebre frase. Alguns são muito oportunistas, valendo-se daquilo que lhes é mais vantajoso. Por exemplo: eles têm lojas no Paraguai para receberem em dólar, seus carros são paraguaios, pois são mais baratos e não pagam impostos, porém moram em Foz do Iguaçu, onde a corrupção é um pouco menor que no vizinho. Não podemos reclamar de tudo dos nossos amigos “brimos”, pois sua culinária é ótima. Os famosos “shawarmas” e as deliciosas esfirras fazem sucesso por lá.

Os orientais também são numerosos na fronteira, principalmente chineses e coreanos. São quase imperceptíveis. Só notamos sua presença quando os vemos nos caixas de suas lojas. Não são de muita conversa, o máximo que você poderá ouvir deles é o valor da conta e um sonoro “não” ao pedir algum desconto.

Foz do Iguaçu também é famosa nos noticiários nacionais. Engana-se quem pensou em Cataratas ou Itaipu. Na maioria das ocasiões as notícias se referem a grandes apreensões de drogas, armas e contrabando. Sem falar na violência. A cidade foi a campeã brasileira em número de homicídios nos anos de 2008 e 2009. As atividades ilegais frequentes na fronteira, aliadas à facilidade de aquisição de armas e drogas no vizinho Paraguai auxiliam na ocorrência dessa estatística.

Mas e a Argentina? Apesar de fazer parte da fronteira, estava quase me esquecendo desse detalhe. Não fosse o combustível barato, bons vinhos e queijos, poderíamos até deixar de citar esse vizinho chato. Maldades à parte, a verdade seja dita, o problema não é a Argentina, e sim os argentinos.

É claro que não poderia deixar de citar a beleza de uma das sete maravilhas do mundo, as Cataratas. Sua magnitude impressiona não apenas os turistas, mas também aqueles que com frequência a visitam. Um passeio imperdível também é o Parque das Aves, o qual possui um acervo de aves esplêndido.

Você pensa em morar algum dia em Foz do Iguaçu e está relutante por ficar longe de seus familiares? Fique tranquilo! Assim como nós, que moramos na maravilhosa Florianópolis, e somos os melhores tios, irmãos e amigos dos parentes distantes, eles vão adorar te visitar, principalmente em épocas de baixa cotação do dólar.

CARVOEIRA: DO MARASMO À NEUROSE

Marcelo Luna

Sou natural de Salvador-BA, vivendo na região sul, mais precisamente na Ilha de Santa Catarina desde meados de 1998. Minha família veio a habitar os arredores da Universidade Federal de Santa Catarina. Desde pequeno ouvia a respeito da Universidade. Na verdade era mesmo um universo para mim. “Como poderia tudo isso ser uma escola?”, ficava a imaginar. “Quantas pessoas devem estudar aí? E quantos professores existem para dar aula para esse monte de alunos?” Mas não é precisamente sobre isso que quero falar. Um dos bairros do entorno da UFSC é a Carvoeira. Muito controversa essa denominação, já que o IBGE chama-o de Trindade Sul, os seus moradores de Carvoeira e os correios de Saco dos Limões. Enfim, consideremos que se trata da Carvoeira, já que em “tempos antigos” havia uma carvoaria na região.

De acordo com a Wikipédia, o bairro foi inicialmente habitado por imigrantes das comunidades tradicionais de origem açoriana de Florianópolis. No entanto, hoje abriga diversos imigrantes brasileiros, mais especificamente estudantes universitários.

A Carvoeira, já há muito tempo, dispõe de um hotel, uma videolocadora, dois mercados, uma farmácia e uma padaria. Logicamente esses estabelecimentos passaram por intensas reformas. Suas administrações passaram por várias gerações, mas pouco mudou.

Dentro da Carvoeira há uma rua chamada de Rua das Acácias, aliás, na Carvoeira a grande maioria das ruas remete a nomes de plantas, e foi nessa rua em que eu vivi boa parte da minha infância. Lá, existem dois condomínios: o Villandri e o

Oxford. Esse último foi aquele no qual vivi a melhor época da minha infância. O Oxford é imenso e tenho muito a agradecer pela oportunidade de ter vivido lá. Hoje penso que quando eu vier a ter filhos, não posso deixar de procurar um lugar tão agradável como aquele para vivenciar uma infância. O condomínio é composto por sete blocos, aproximadamente noventa apartamentos. Você já pode imaginar o número de crianças que lá viviam. Realmente, eram muitas. O condomínio não apenas tinha amigos para deixar qualquer criança feliz. Ele era um centro de entretenimento, havia área verde, quadra de esportes, pista de bicicleta, piscina e inúmeras possibilidades de divertimento que só as mentes férteis das crianças podiam conceber.

Hoje penso: não há como ter vivido infância melhor que essa. O grupo era grande, nós fazíamos de tudo. Até escrevemos um livro acerca das nossas aventuras...

Deixando de lado a nostalgia e retomando ao assunto principal, o bairro contribuiu muito para essa vivência pacífica por ser tranquilo e sem muito barulho. Hoje, porém, a história mudou um pouco de figura: as casas da região passaram a ser alvo da criminalidade, muitas delas foram assaltadas em plena luz do dia e a tranquilidade que antes imperava se esvaiu. Os moradores tornaram-se reféns, andam assustados e, nas ruas com nomes de flores, hoje se veem grades, cercas elétricas e pantográficas, tornando o local muito menos colorido.

Espero que isso tenha sido apenas uma fase passageira, mas de qualquer maneira, a comunidade local passou a adotar medidas preventivas de segurança. Tais acontecimentos e medidas têm mobilizado a comunidade local, promovendo um maior diálogo e uma maior aproximação da vizinhança. Há males que vêm para o bem.

DE SANTA MARIA PARA FLORIPA

Marco Schneider

Nasci na cidade conhecida como a cidade universitária gaúcha, “Santa Maria da Boca do Monte”, situada no centro do Estado, em uma região cercada por morros, do final do derramamento basáltico. Cidade do “vento norte” que chega, às vezes, aos 100 km/h. Ô lugarzinho de clima intenso... Calor escaldante... Frio congelante... Cidade de funcionários públicos, sejam eles civis ou militares e, também, dos comerciários... Já foi cidade ferroviária, e até hoje abriga a Vila Belga, conjunto de habitações que serviram aos funcionários da companhia *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer Au*, que vieram para cá construir as ferrovias. Cidade acolhedora de jovens estudantes que vêm buscar formação e conhecimento em seus centros de ensino, sobretudo na famosa Universidade Federal de Santa Maria. Lugar de ruas estreitas e muitas lombas... Muitos botecos e bons papos.

Pois bem, e Floripa, onde entra nesta história? Pois é... Floripa entrou na minha vida aos treze anos de idade, em uma visita a parentes. Quando adentrei a ponte, só lembro-me de ter me afluído um efusivo deslumbramento, um desejo incontido de não mais querer sair deste solo circundado por este tão belo pélago... Infelizmente, o sonho realizou-se somente após vinte e dois anos de vida.

Hoje, já me considerando um *pré-manezinho*, habito um apartamento na região central da cidade, na região dos antigos prédios pioneiros, conjunto de construções, cujos blocos têm nome de mulheres. O meu, por exemplo, é Edma. Só não me pergunte quem foi essa senhora, pois não saberei responder... De minha janela, delicio-me com o azul do mar da baía norte

visualizado dentre a lacuna deixada por duas edificações. Ótimo ponto de moradia revela um contraste deveras curioso, pois mesmo com todo o burburinho provocado pelo vai e vem dos transeuntes e automotores, pode-se apreciar os gorjeios dos bem-te-vis... Como isso é intrigante em Floripa, a capital de um Estado, que diferentemente de outras, guarda uma simplicidade interiorana, expressada por avenidas e praças bem arborizadas, povo nativo que exala humildade, apegado a costumes e crenças herdados de seus antepassados.

E alguém pode questionar: Santa Maria e Floripa, alguma semelhança? Posso inferir que sim! A presença constante dos ventos, por exemplo, lá é norte e, aqui, sul... As duas possuem grande parte de suas populações compostas de forasteiros... Possuem grandes universidades federais... Aqui é Avaí ou Figueirense! Lá, é o Interzinho (Internacional de Santa Maria) ou o Riograndense que, antigamente, faziam o famoso clássico “Rional”...

Bom, para encurtar o colóquio, sei que às vezes apego-me saudoso com as lembranças das boas companhias que deixei em solo santa-mariense, da culinária, do bom churrasco, do bom risoto, da boa polenta, dos festivais de tertúlia... Oh! Que saudade! Saudade de cada ruela por lá percorrida... Porém, estou certo de que minha atual vivenda me traz um contentamento ainda maior...

PEQUENA E SAUDOSA XAVANTINA

Nelize Moscon

Embora esteja morando em Florianópolis há oito anos, não tenho como não cronicar sobre minha cidade natal, Xavantina.

Tenho de Xavantina uma lembrança muito gostosa, pois foi lá que nasci e cresci. Encontrei dificuldades pela falta de estrutura de uma cidade pequena, mas também vivenciei muita coisa boa, que é o outro lado de se morar em cidade pequena: ar puro, contato com natureza, tranquilidade, segurança.

Cercada por vários montes e encostas, Xavantina localiza-se no oeste catarinense. O clima é caracterizado por verões quentíssimos e abafados, e invernos gelados em que até a água da torneira congela. A colonização teve início em 1920, com imigrantes vindos do Rio Grande do Sul. Tem atualmente uma população de 4.142 habitantes (Censo de 2010), e um povo simples e trabalhador. A grande maioria da população vive em zona rural, as famílias são de cultura basicamente italiana e alemã, e isso significa muita comida boa e em grande quantidade, famílias reunidas ao redor da mesa e todos falando ao mesmo tempo.

A economia gira em torno da agricultura e da suinocultura. Todos os xavantinenses sabem que a cidade é a maior produtora de suínos per capita do Brasil, ou seja, tem muito mais suínos do que habitantes. Além da suinocultura, a criação de gado leiteiro também tem crescido muito e desta atividade dependem muitas famílias de agricultores, já que o rendimento da atividade agrícola é incerto. Como consequência, o movimento da cidade acontece do primeiro ao décimo dia de cada mês, que é quando as famílias recebem o pagamento do

leite e vão correndo para a cidade pagar a conta da luz, fazer o rancho do mês, cortar o cabelo e comprar tudo mais de que precisam. Hoje as famílias já recebem o depósito do valor no banco, mas até pouco tempo atrás recebiam um cheque no final do mês, o conhecido e tão esperado “cheque do leite”, que as pessoas chegavam pra comprar alguma coisa no comércio já querendo saber: “Aceita cheque do leite”?

Muitos habitantes não gostam de morar em Xavantina “porque é muito pequena”, “porque não tem nada”, “todo mundo conhece todo mundo, sabe quem é filho de quem, e o que cada um faz da vida”...

A cidade em si não tem mesmo muitos atrativos, são duas ruas principais asfaltadas e as demais com calçamento, tem a prefeitura e a igreja no centro, ao alto de uma colina. Tem apenas uma escola, uma padaria, muitas lojinhas de roupas, alguns mercadinhos e bancos. Nenhuma indústria ou fábrica que absorva a mão de obra de trabalhadores, nenhuma faculdade ou curso profissionalizante, o que faz com que a maioria das pessoas, principalmente os jovens, saia para trabalhar e estudar em cidades vizinhas.

Mas a cidade tem também a tranquilidade das cidades pequenas, ruas com pouco movimento, sem poluição, sem barulho, sem estresse... Qualidade de vida, paz de espírito. Pode-se comprar produtos coloniais direto dos produtores (queijo, pães, vinho, salame...), você pode entrar em uma loja para comprar algo e aproveitar para tomar uma cuia de chimarrão, bater papo com a dona para saber das novidades, pode andar na rua sem medo de ser assaltado, pode ainda confiar nas pessoas, deixar a roupa no varal do quintal durante a noite, comprar no mercado da esquina e pagar amanhã...

Quem passar pelo Oeste Catarinense e quiser conhecer Xavantina, vai certamente encontrar sossego e ficar satisfeito com a receptividade e hospitalidade dos seus habitantes.

A AVENTURA DIÁRIA DENTRO DO TIRIO/TITRI

Simone Vicente

Lá vem ele rumo ao TITRI, fazendo a curva no trevo do Rio Tavares. Hoje vou no das 7h20min, antes dele tem o das 6h40min, depois dele o das 7h33min e o das 7h45min. Depois dessa hora costumo me lembrar daquela música: *“se eu perder esse trem, só amanhã de manhã”*.

Disputado, ele vem lotado em um dia nublado, e não molhado. Já ontem, num dia molhado, ele estava vazio. Em dia de chuva, os meus colegas usuários tiram os seus carros da garagem. Só pode ser isso, não consigo pensar em outra explicação. Sempre que chove ele não lota e, sendo assim, chego ao cúmulo de desejar que chova todos os dias da semana.

Tenho sorte hoje, os assentos amarelos estão à disposição. Sentei-me, liguei meu MP3 do celular - com fone de ouvido, claro - escolhi uma boa música. Não quero ouvir o som estressante do motor, das freadas bruscas a cada parada e o som do abre e fecha da porta nada silencioso. Raramente eles disponibilizam os ônibus novos para os usuários dessa linha, sempre uma sucata desconfortável que faz com que eu chegue ao trabalho com o corpo bastante cansado.

E ele para em todas as paradas e as pessoas vão ficando entulhadas na frente, atrás e “saíndo pelo ladrão”. Bem-vindos a bordo da linha TIRIO/TITRI. Irmãos!

Após acomodar meus ouvidos numa boa música, tirei da minha pasta a minha leitura, sempre diversa, em português ou inglês, dependendo do meu estado de espírito, mas para qualquer que seja esse estado, tenho que tê-la. São cinquenta minutos de trajeto, tempo que não me permito desperdiçar com pensamentos que não desejo, minha mente tem que estar

distraída com algo que me acrescente positivamente. Dentro do TIRIO/TITRI existe um ambiente perfeito para que os pensamentos negativos inundem qualquer mente.

O TIRIO/TITRI serve a maioria dos usuários que vão em direção à UFSC e arredores e, apesar da grande demanda que aumenta a cada ano, os alunos e trabalhadores que seguem sua rotina diária não observam melhorias no itinerário desde que foi inaugurado o sistema integrado de transporte coletivo em Florianópolis.

Dentro do TIRIO/TITRI ninguém se manifesta, ninguém reclama, mas a insatisfação e o estresse estão estampados nos semblantes dos motoristas, dos cobradores, dos idosos, das gestantes, dos estudantes, enfim, de todos os usuários. Não observo nenhum sorriso, somente as crianças que protegidas nos colos de seus pais conseguem sorrir e se sentirem satisfeitas no seu trajeto dentro do TIRIO/TITRI.

CIDADEZINHA DE CÉU ILUMINADO

Tereza Antunes

Povoada por colonos de origem alemã e italiana, escondida entre as montanhas da Serra Geral, a pequena Anitápolis recebeu esse nome em homenagem à guerreira Anita Garibaldi. Presenteada pela natureza com lindas cachoeiras e uma paisagem desenhada por montanhas, essa cidadezinha abriga um povo pacato, de hábitos simples, disposição para o trabalho e de portas e braços sempre abertos para os amigos.

Retrata com original matiz as cores de uma típica cidade interiorana. O ar bucólico com uma praça no vale, uma igreja no alto do morro, um hospital, uma escola, a prefeitura, pouco comércio e tempo de sobra para a prosa que vai noite adentro. O canto do galo desperta sua gente, que sem muita preocupação com a economia global, inicia mais um dia de labor para terminá-lo com o sol se despedindo atrás das montanhas.

A vida no campo é escrita de forma particular. O relacionamento *homem-meio ambiente* é estreito, suscetível aos fenômenos naturais que norteiam o trabalho com a terra. O homem do campo depende do temperamento pouco previsível da natureza para viver.

O assovio do vento, o farfalhar das folhas caindo, o barulho dos córregos desenhando caminhos por entre as pedras e o canto dos pássaros promovem uma sinfonia da natureza para aqueles que, com raras exceções, dificilmente presenciarão um sofisticado concerto musical.

E assim, alguns vão embora à procura de uma vida melhor, outros seguem crentes de que vida melhor não há.

O amor pela terra... A necessidade de renda... Com uma economia pouco diversificada, assentada na agricultura, a cidade

não oferece muitas opções de trabalho, apesar da vocação para um turismo rural, que timidamente ganha espaço. Nesse dilema, um número significativo de anitapolitanos deixou e deixa o município em busca de maior qualificação profissional e novas oportunidades.

Suas manifestações culturais são essencialmente de cunho religioso. Destaque para a Festa do Padroeiro São Sebastião, em janeiro, e a Festa do Colono, que acontece em outubro.

Essa cidade, hoje com uma pequena população, foi cenário da minha infância, abrigou muitos dos meus sonhos, despertou minha imaginação, presenciou boa parte da formação do meu caráter, assistiu muitas das minhas brincadeiras.

Como esquecer tal cidade, para tantos anônima, para mim tão querida? É interessante como os lugares se eternizam em nossas mentes. Há momentos marcantes na infância, para os quais, as características peculiares dos lugares em que se passaram imprimem uma sensação singular. Assim, Anitápolis figura como um componente de encantamento em muitos momentos da minha infância.

Natal era aquele de Anitápolis... E a Páscoa, então! Lá sim era possível acreditar que o coelho da Páscoa surgiria no meio do capim para depositar ovos nas cestas que espalhávamos pelo jardim.

Os lugares presenciam a pureza, as maldades, as alegrias, as tristezas, as lutas, as conquistas, as chegadas, as partidas, os *olás*, *adeus* e *até breves*... Essa sequência de chegadas e partidas dinamiza e particulariza os lugares. Recebendo e deixando marcas de quem (e em quem) por eles passam, despertando na alma uma capacidade de viagem no tempo em segundos. Um cheiro, uma paisagem, um céu, um sol da manhã, um dia

chuvoso nos remetem instantaneamente a um tempo guardado no repertório de nossas lembranças.

Fecho os olhos e me vejo deitada na grama contemplando aquele céu pontilhado de estrelas. Uma das imagens mais presentes em minha mente: a escuridão intensa da noite iluminada pelo brilho das estrelas e pelo enorme clarão da lua.

O SÍTIO DE BAIXO, UM RECANTO...

Tiago Viktor

O Sítio de Baixo é um recanto incrustado no Bairro Ingleses, no norte da Ilha de Santa Catarina.

Trata-se de um lugar tranquilo e aconchegante, que constantemente nos lembra os mimos só desfrutados por quem mora na Ilha da Magia.

Entre, por exemplo, num mercadinho. São todos muito familiares em sua forma de atendimento, fazendo com que você se sinta em casa, mesmo que não a sua. Circule pelas gôndolas. Procure pelo preço do produto, vá até o caixa para conferir o valor, retorne à compra de outros produtos, volte ao caixa com a mesma dúvida, retorne às gôndolas, vá ao caixa de novo, e, enfim, desista de saber o preço das coisas antes de ter que pagar. E depois de pagar também. Ato contínuo à chegada ao caixa, ouve-se a frase *“Vai precisar da nota (cupom fiscal)? É que tá com problema a máquina...”*. Mas saber o preço daquilo que você está pagando pra quê? Olhe para os lados, já lhe falei que estamos no Sítio de Baixo, um lugar tranquilo e aconchegante, que...

Diferentemente da Baixada Santista, onde vivi por muito tempo, no Sítio de Baixo é possível caminhar pela rua por bem mais que dois passos sem que alguém venha a lhe pedir “um real”, a sua carteira ou, no caso dos mais abruptos, a sua alma. Para tanto, será necessário apenas que você demonstre um pouco de equilíbrismo para driblar os carros enquanto anda pela via pública, e os buracos e postes, se por acaso não encontrar alguma calçada.

Os nomes das servidões *sitiobaixenses* são outro parágrafo à parte. Aliás, o próprio conceito de *servidão*

enquanto logradouro urbano é coisa para mim muito distinta, pois nunca havia visto no estado de São Paulo. Amigos catarinenses de outras cidades também desconheciam esta forma específica de exploração das ruas até aportarem em Desterro. Enfim. Voltando ao Sítio de Baixo, tenho um camarada que mora entre as servidões Ipanema e Leonardo da Vinci. Em momentos de lisérgico devaneio e fusão, ele afirma ter visto o balançado da *Garota Vitruviana* flanando por ali, mesmo sem o célebre calçadão, quiçá mera calçada. Seguindo a linha do preclaro amigo, o que se diria da servidão dos Lírios, seja em decocção ou infusão...

Outro ponto a se destacar nesta paragem tão aprazível é a possibilidade sempre tão tangível do contato com a natureza. Nada há de mais prazeroso do que poder caminhar pelas servidões da localidade depois de um dia de chuva e sentir aquele cheirinho de terra molhada. Chega a ser um contato tão corpóreo que ninguém consegue se furtar do ensejo de levar um tanto dessa mesma terra para sua própria casa.

Contudo, como todo bom lugar do mundo, o Sítio de Baixo também tem seus problemas. Mas prefiro não tratar deles aqui. Nestas linhas eu quis apenas enaltecer este verdadeiro recanto, um lugar tranquilo e aconchegante, que...

PARTE II
AUTORES

ADRIANA DA ROSA CHEREM

Nasceu em Florianópolis no dia 20 de novembro, onde mora no bairro Cacupé. Formada em 2000 na UFSC. Atua como Nutricionista no Hospital Universitário na UFSC desde 2010.



VIDA DE LEITURA

Minha infância sempre foi repleta de livros, estantes cheias, biblioteca da escola... Aliás, lembro até hoje dos livros espalhados na mesa da biblioteca do então Coração de Jesus. Era muito legal poder escolher um livro, levá-lo para casa para posteriormente fazer a ficha de leitura. Minha mãe funcionava como uma válvula propulsora da leitura, ao ler para nós filhos, ao ler para si mesma e ao manter em casa uma estante repleta de livros e enciclopédias, estas últimas muito famosas e úteis no período pré-internet.

No ensino médio (antigo científico) mantive o hábito de leitura (literatura em especial), porém, aos 15 anos, cursando o último ano do científico (3º ano do 2º grau), fiz algo que até hoje reflete em minha vida. Por minha conta (e risco...) resolvi ler “A Idade da Razão”, de Jean Paul Sartre. Como todo livro que lia no período, fazia minha lista de palavras desconhecidas e, ao

final da leitura, recorria primeiramente aos conhecimentos de minha mãe, caso negativo, verificava no dicionário. E assim ia enriquecendo os meus vocábulos. Porém, além disso, como esse livro era repleto de palavras desconhecidas, resolvi escrever uma redação com as mesmas, uma maneira que achei para ajudar na fixação das novas palavras. Foi uma experiência muito legal.

Na faculdade adorava comprar livros técnicos para reforçar o conteúdo dado pelo professor na aula. Porém, nesse período, a literatura ficou 100% de lado, infelizmente... No mestrado as leituras foram intensas, porém, mais uma vez, de material técnico e específico da área de atuação da pesquisa.

Hoje em dia está muito complicado. Com a vinda do meu 2º filho, mais os outros afazeres, não estou conseguindo me organizar para a leitura, o teatro, o cinema, shows etc. A vida cultural com filhos pequenos tem ficado a desejar, e olha que eu já fui sócia do cineclube Nossa senhora do Desterro, no CIC. Meu último livro lido foi ano passado enquanto estava de licença maternidade. Foi maravilhoso voltar à literatura com um livro tão lindo (*A Sombra do Vento*). Muitos foram os livros que deixei para trás sem findá-los, como exemplo cito “*As Horas*”, “*O Nome da Rosa*”, “*Cem Anos de Solidão*”, etc.

No trabalho limito-me, quando possível, à leitura de materiais técnicos, livros e artigos. Interessante, ao rever o meu texto autobiográfico, senti uma necessidade de trazer a literatura para perto de mim novamente. Quem sabe, nos intervalos de minha vida...

ALÉCIO CARMINATTI JUNIOR

Nasceu em Florianópolis, no dia 08/04/1967. Morador do Bairro Saco dos Limões, em Florianópolis. Formado em Administração pela UFSC, com Especialização em Administração Pública e políticas Sociais. Atua como Assistente Administrativo há 27 anos no Hospital Universitário da UFSC.



AUTOBIOGRAFIA

Se fossem seguir os modelos educacionais, no que tange os estudos, meus pais não seriam um grande exemplo. Trabalhar era o que importava, e isso faziam com grande afinco. Leitura mesmo, via minha mãe lendo a Bíblia, com suas limitações, e meu pai, fazendo suas anotações interpretativas das notas que recebia em seu comércio. Mas sempre foram grandes compradores de livros. Lembro de termos em casa a Barsa, Novo Conhecer, Tesouros da Juventude e tantos outros que não lembro. Esse investimento feito em livros, acredito que era o desejo interior deles em ver nos filhos a busca pelo conhecimento, para que viessem a ter um futuro melhor, o que não tiveram.

Quando aprendi a ler, sendo aluno da Escola Básica Estadual Getúlio Vargas, no bairro Saco dos Limões onde nasci, a prática da leitura desenvolveu-se basicamente em cima dos

trabalhos de aula solicitados pelos professores. Fora isso, lia apenas a Bíblia, muitas vezes obrigado, que minha mãe cobrava às vezes. Lembro de ter lido, na quarta série do primário (hoje ensino fundamental), o livro “O que serei no futuro...”. Era meio em verso, mas que levava a uma reflexão futura. O que serei eu no futuro? Serei artista ou doutor? Operário ou engenheiro? O que serei eu no futuro? E terminava quase sempre com: O que importa é que seja um homem de bem.

Lembro de uma festa de aniversário que meu pai fez pra mim, na verdade, acho que foi a única. Estava completando dez anos, e um cliente de meu pai, nosso amigo, me deu de presente um livro. Fiquei tão chocado com aquilo, pois queria era brinquedo, roupa, e nem me importei de folhear uma única página, muito menos ler e hoje, lembrar o título do livro.

Quando iniciei no ensino ginásial na época, meu hábito pela leitura continuava o mesmo. Lia apenas os livros que éramos obrigados a ler para fazer as tais "Fichas de Leitura". Muitas vezes, nem lia o livro, pegava trechos e tentava dar uma resumida para entregar ao professor. Os trabalhos de aula com temas dirigidos, solicitados pelo professor, me enchiam de orgulho, pois nunca precisava ir para a biblioteca, tinha sempre os livros em casa. Muitos colegas trocavam a visita à biblioteca pela minha casa para fazerem seus trabalhos de aula, e isso era muito divertido e satisfazia meu ego. Mas, independente de ter ou não o hábito pela leitura, sempre tive muitas boas notas na disciplina de Língua Portuguesa.

O curso que se chamava científico na época foi um pouco mais complicado. Tinha que conciliar os estudos com trabalho, esporte, namoro e não foi muito proveitoso. Tive que lutar muito para completar, e o fiz dividindo com a obrigatoriedade do serviço militar. Fui um ótimo soldado, ganhando inclusive uma medalha de honra ao mérito.

Terminado essa fase, e por ser hábito ter o diploma de segundo grau para trabalhar, fazer concurso, parei os estudos e fui para o mercado de trabalho, encarando e sendo aprovado para a Universidade Federal de Santa Catarina, através de concurso.

Passados quase vinte anos longe de uma cadeira escolar, decidi com o apoio de minha esposa e de meus filhos recomeçar. Foi muito difícil. Tive que encarar um cursinho pré-vestibular, e para a preparação, tive que ler muito. Fui aprovado para o curso de Administração a distância da UFSC. Ao contrário do que muitos pensam, estudar a distância requer muita disciplina, e muita leitura. Ler era uma obrigação para a busca do conhecimento e para o complemento do que era passado pelos professores. E, desta forma, fui levando, me formando em 2011. Terminado a graduação, me matriculei para o curso de pós-graduação em Gestão Pública e Políticas Sociais, em que a leitura de artigos, capítulos e textos era parte integrante da rotina.

Hoje minha vida de leituras continua, mas de forma desordenada e descompromissada. As leituras que atendem às minhas expectativas, sigo em frente, e fora isso, vou eliminando sem terminar. Mas, tenho a plena convicção de que, através da leitura, ampliamos nosso vocabulário e conhecimento, além de viajarmos mentalmente pelos mais diversos.

ALLAN SERGEI DUWE



Nasceu em Florianópolis no dia 07 de novembro de 1975. Mora no Campeche, em Florianópolis. Formado em Administração de Empresas. Atua como Assistente em Administração na Direção do HU/UFSC.

AUTOBIOGRAFIA

Nasci na belíssima Ilha da Magia, em 07 de novembro de 1975. O meu primeiro colégio foi o Colégio Barddal, localizado até os dias de hoje no bairro da Trindade, em Florianópolis. Foi lá onde concluí o meu ensino fundamental. Lembro-me perfeitamente de três professores: a de Matemática, a Tia Marlene, pois era a minha matéria preferida; a de Inglês; e a de Português, uma senhora magra, com um nariz enorme, que nos fazia ler muitos livros e responder as perguntas localizadas nas últimas páginas. Os livros que mais marcaram a minha infância foram: “O Mistério do Cinco Estrelas”, “Menino Maluquinho”, “O Pequeno Príncipe” e “O Pequeno Polegar”. Não podia deixar de salientar as várias histórias em quadrinhos que comprava nas bancas de jornais. Adorava as historinhas do

Chico Bento, da Turma da Mônica.

Meus pais sempre foram leitores assíduos e me incentivaram muito a ler desde criança. O problema é que eu não era apaixonado pela leitura e muitas vezes eu lia os livros mais por obrigação do que por prazer. Nessa época, prazer para mim era andar de bicicleta com os amigos, subir em árvores, andar de skate, jogar Atari, pescar, nadar, jogar bola, brincar com os famosos jogos da marca Estrela, enfim, era uma criança muito ativa que preferia brincar a ler livros.

Em 1989 alguns professores do Colégio Barddal pediram demissão e abriram o Colégio Energia. Com eles, muitos alunos também migraram para lá, visando um ensino mais forte e focado para o vestibular, inclusive eu. No segundo ano do ensino médio eu tive a grande oportunidade de ir com meus pais estudar em Londres. Foi uma experiência e tanto. Nos primeiros dois meses eu praticamente não entendia nada que lia ou ouvia, mas como num passe de mágica, depois do terceiro mês tudo se tornou compreensível e lógico. Lembro-me de ter festejado o final do livro “The Pearl”, depois de muita pesquisa ao dicionário Inglês/Português.

De volta ao Brasil, concluí o ensino médio com muito estudo e dedicação. No último ano, havia uma matéria a mais, a de Literatura. Eu, na verdade, não gostava muito dessa aula, que discutia vários livros que faziam parte do conteúdo programático do vestibular. Livros de Machado de Assis, Jorge Amado, Mário de Andrade, entre outros. Até hoje não sei como passei no vestibular, pois somente havia lido os resumos dos livros e frequentado as exaustivas aulas de Literatura.

Passei no curso de Engenharia de Produção Civil em 1993. Cursei quatro semestres até descobrir que não tinha o dom para entender as complexas fórmulas de Física e Cálculo. Logo, passei a estudar Administração de Empresas. Encantei-me pelas

Teorias Gerais da Administração, Taylor, Fayol, Ford, Max Weber, Elton Mayo, entre outros gênios da Administração. Também gostava muito de ler artigos e revistas que abordassem os temas: Liderança, Motivação, Qualidade de Vida no Trabalho e Clima Organizacional.

Depois de formado, abri uma microempresa e trabalhei “como um escravo” por longos oito anos. Nesse período não fazia nada além de trabalhar, era muito raro ter tempo livre para ler algo a mais do que o Jornal Diário Catarinense. Foi quando decidi me dedicar a estudar para concurso público. Fiz dois cursinhos presenciais durante um ano e muita, muita leitura de leis, regras de regência, de acentuação, de pontuação, noções de informática e principalmente assuntos específicos da área administrativa.

Em 2008, passei para o concurso público da UFSC e fui trabalhar na coordenação dos módulos de capacitação profissional para os servidores do Hospital Universitário/UFSC.

Já em 2009 iniciei uma Especialização em Gestão de Recursos Humanos na FEPESE/UFSC, a qual eu adorei. Estudar é muito bom e ter a oportunidade de se especializar em uma matéria com a qual você se identifica não tem preço. Foi um ano de muito estudo. Havia doze disciplinas, com ministrantes do mais alto nível. Realizei vários trabalhos, pesquisas, resenhas, apresentações, estudos de casos, além de inúmeras leituras de artigos científicos e apostilas.

Hoje, trabalho na Direção do HU/UFSC e graças a Deus tenho sim tempo livre para ler o que gosto.

ANDREZZA ROZAR



Nasceu em Florianópolis no dia 11 de março de 1985. Mora em São José. Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Gestão Universitária. Atua como Assistente Técnico Administrativo do Curso de Licenciatura em Física na modalidade e distância na UFSC desde 2012.

NÃO SOU LOUCA POR LEITURA

Minha história com a leitura começou com gibis e contos infantis, os quais minha mãe adorava. Ela nos colocava em sua cama, eu e meus irmãos, e lia até meu pai chegar do serviço. Acredito que minha mãe tem algo de contadora de histórias, pois ela o faz divinamente. Sim, ela continua fazendo. Ainda nos reúne, bem grandinhos que somos, para contar histórias. Porém agora são histórias reais, do dia a dia.

Este convívio com as histórias de minha mãe me tornou fã de história. Não propriamente da leitura, mas esse acaba sendo um pacote indissolúvel. Posso ouvir histórias, escrevê-las, assistir filmes... mas há algo que aprendi com minha mãe. Pegar um livro nas mãos e ter o poder de dar a minha entonação, o

meu ritmo, parar a leitura e refletir sobre o que está sendo dito... bem, esse poder somente um livro consegue me dar. O fato de trabalhar a “ideia” de outra pessoa me fascina.

Gosto de livros sobre romance. Não romances somente melosos. Romance como da Philipa Carr em “A feiticeira do mar”. Há autores que conseguem escrever uma história cansativamente melosa no início e no decorrer da leitura envolvem seus leitores com a trama de uma maneira que estes acabam esquecendo como foi difícil chegar até a parte “emocionante” do livro. Essa insistência em ler um livro que aparentemente não é interessante eu devo ao meu avô materno. Ele dizia que é necessário ler o bom e o ruim para aprender a distinguir e também a ter argumentos para falar mal de um livro. Ruim por ruim não servia para ele. Pensando nas palavras de meu avô foi que consegui ler “Honra Silenciosa”, de Sidney Sheldon. Este é um exemplo de como me esforcei para ler um livro. Ele começa extremamente parado. Acho que levei um ou dois meses para ler as primeiras páginas, porém, levei três dias para chegar ao fim. A história é simplesmente incrível.

Meu gosto por histórias não fica preso somente a romances. Aprecio histórias investigativas, suspense ou terror. Gosto muito de histórias que mesclam fatos do passado como as histórias que falam sobre faraós, rainhas, principalmente Elizabeth I.

O fato é que não sou uma leitora incontrolável. Não gosto muito de jornais, revistas, fofocas sobre artistas na internet. Não fico lendo a toda hora. Não gosto muito dos livros técnicos que minha formação acadêmica exige que eu leia. De qualquer forma, eu leio é claro. Não frequento a livraria atrás de novas obras. E também não sou uma “rata” de biblioteca.

Gosto de histórias. Uma boa história, aquela que te faz virar a noite lendo para saber qual o fim. Na verdade eu gosto

das histórias da minha mãe. Gosto da paixão que a leitura despertava nela e do lazer que o momento de leitura sempre despertou em mim. A escolha de um livro na minha infância era um momento importante. Um momento de aprendizado no qual eu e meus irmãos tínhamos que entrar em consenso sobre qual história seria lida. Gosto de histórias, principalmente aquelas que podem ser lidas em voz alta para mais de um poder ouvir quando estamos no aconchego da cama da mãe. Então, apesar de não ser louca por leitura, minha loucura por uma história me torna uma leitora.

BINA FOLONI

Nasceu em Londrina no dia 29 de setembro de 1979. Mora em Londrina. Formada em Secretariado Executivo. Atuou como Secretária-Executiva na UFSC de outubro de 2011 a abril de 2013.



Arquivo pessoal.

AUTOBIOGRAFIA

Nasci em 29 de setembro de 1979 em Londrina e, ainda bebê, fui morar em Paranavaí, onde vivi os doze primeiros anos da minha vida. Na minha infância, antes mesmo de aprender a ler, eu já folheava os gibis da Turma da Mônica e inventava as falas dos personagens.

Quando iniciei na escola não tive dificuldades, aprendi facilmente e logo já estava escrevendo palavras e formando frases. Foi então que comecei, de fato, a ler gibis. E lia muito, praticamente todos os dias. Meus preferidos sempre foram os da Turma da Mônica, e eu gostava da Luluzinha também.

No Ensino Médio eu lia poucos livros. Li bastante na fase de preparação para o vestibular, além das diversas disciplinas cobradas nas provas, tive que ler diversos livros que também faziam parte do conteúdo.

Na Graduação lia mais livros relacionados à área de Secretariado Executivo, o que incluía diversos temas e os que

predominavam eram administração, português, inglês e espanhol. Também tinha os meus livros de cabeceira, os quais eu lia quando não havia muito trabalho de aula.

Hoje, atuando como Secretária Executiva na UFSC, tenho lido temas relacionados à minha área, principalmente Redação Oficial e Inglês. Tenho o hábito de ler outros livros, sempre tenho um de cabeceira. A matéria que sempre tive como preferida é Português, considero muito importante, em todas as áreas, o profissional ter uma boa escrita, e isso é aperfeiçoado quando se tem o hábito de ler.

CARLA CEDORTE DA SILVA



Nasceu em Santa Maria, RS, no dia 19/08/1975, residente em São Jose, SC desde 2004. Casada, mãe da Yasmin e esposa de Marcel. Contadora, pela UFSM/RS, finalizando especialização em Sistemas de Planejamento e Gestão Empresarial pela UFSC. Trabalha na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, na Coordenadoria de Educação Continuada/CEC, no Cargo de Assistente em Administração desde outubro de 2011.

LEITORA: SEGUNDA PARTE MAIS FELIZ DE MIM

Eu nasci em Santa Maria – RS. Nasci mais propriamente no interior dum vilarejo chamado Boca do Monte. Minha história com leitura é meio fora do padrão, quando se nasce em uma família onde tanto pai quanto mãe não tiveram acesso à educação. Eu sempre fui fã de jornais velhos e revistas. Quando criança, para alguém que não tinha televisão, era um tipo de diversão que me atraía. Então com 5 anos eu aprendi a ler... foi realmente divino e lembro como se fosse hoje, pois eu consegui sozinha. Naquela época não havia escolinhas didáticas, onde as

crianças têm um acesso infinito à informação e conhecimento, como é atualmente. Então pelo fato de não estar frequentando nenhuma escola e não ter ajuda de lado nenhum, acredito que foi minha primeira vitória na vida.

Meu pais ficaram muito felizes, mas não gostaram muito da diversas colagens que fazia na parede com os meus textos favoritos. Posso dizer que há uma lacuna em minha vida relacionada à leitura. Passa-se a adolescência, a puberdade e os interesses mudam, vêm os hormônios, os amigos, e você acaba perdendo um pouquinho daquela vontade de ficar lendo. É claro que existem os momentos em que você é obrigado a ler os livros indicados pelos professores, os livros do vestibular, a Bíblia e, enfim, leituras por obrigação e não pelo prazer. Naquela época eu ainda não tinha opinião tão formada das coisas e então veio a fase adulta, com curso de graduação, trabalho, namorados e o que mais acontece atualmente com mais da metade da população mundial... eu não tinha tempo ou não queria ter tempo ou não achava tempo.

Mas pulando para a parte mais importante – e posso afirmar, emocionante, pelo menos aos meus olhos –, a parte pós-parto, minha fase mãe. Eu cresci, os hormônios acabaram-se e finalmente sou o que eu gostaria de ser. Ex-fumante com muito orgulho e mãe. Pois então, tudo começou quando a Yasmin nasceu. Todos dizem que mãe não tem muito tempo depois que o bebê nasce, o que é verdade, mas ficar em casa cuidando do bebê é tão prazeroso quanto cansativo. Nos momentos em que você para e senta, nos horários em que você não está amamentando, nem trocando fraldas e nem dando banho, o que fazer? Comecei a ficar estressada de ver TV e acessar internet nas horas vagas. Para quem tem histórico de trabalho de 8 horas diárias e de repente ficar em casa o dia todo, isso pode ser um

pouco complicado. Então um belo dia meu marido comprou um livro para eu passar o tempo e então a luz se acendeu.

Recomecei a ler e redescobri o mesmo prazer da minha infância, e então voltei ao passado e neste momento sou adulta e criança ao mesmo tempo. E hoje minha filha tem 2 anos e 8 meses e eu continuo devorando livros de todos os tipos, romances, trilogias, didáticos, ficção e por assim vai. E fico o tempo todo pesquisando, lendo críticas de livros, pedindo indicações e pedindo de presente também. Meu marido me disse que estou viciada e acho que realmente estou, mas sou feliz demais com este vício, pois ler para mim é uma espécie de terapia, e uma terapia que funciona, melhora meus dias, eleva minha autoestima, reduz meu stress e ainda enriquece meu tempo. Então eu penso que sempre há cura para os males e tragédias da vida. Eu recomendaria para diminuir um pouquinho as inconstâncias da vida: leia um livro que você gosta e você já se sentirá melhor. E para concluir meu discurso, gostaria de acrescentar que uns tempos atrás, eu li uma frase que dizia: Sou Mãe e essa é parte mais feliz de mim... e eu complemento que também sou leitora e essa é segunda parte mais feliz de mim.

DANTE CRESPO DRAGO



Nasceu em Belo Horizonte, MG, no dia 27 de maio de 1979. Mora em Florianópolis, SC. Graduado em Letras-Inglês pela UFSC e estudante de graduação em Direito pela Unisul. Atua como assistente em administração na UFSC desde 2011.

VIDA DE LEITURA

Não consigo me lembrar com muita clareza, nem com muita precisão, as minhas primeiras experiências com a leitura. Entretanto, vale a pena lembrar que “ler” não se resume a decifrar palavras escritas em um papel. As crianças (e os adultos também, é claro!) leem o mundo através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, e através dos sentimentos e emoções. Acredito que a primeira leitura que cada um de nós faz, enquanto criança, é a de reconhecer a própria mãe. E com o passar do tempo passamos a ler, aprender e reconhecer os demais membros de nossa família, o meio ambiente e a nós mesmos.

Ainda como crianças, na escola, somos apresentados à leitura formal, entendida como letras escritas no papel. Somos

iniciados no caminho da alfabetização e somos apresentados às vogais: **a, e, i, o, u**. Ganhamos um caderno de caligrafia no qual vamos aprendendo e treinando o contorno de cada letra. Gradativamente, vamos evoluindo e galgando novos patamares de compreensão linguística e de mundo através da prática de leitura, da escrita e da vivência.

Em casa sempre havia prateleiras recheadas de livros de cima a baixo. Além disso, eu olhava para o meu pai com um olhar de dúvida, curiosidade e admiração toda vez que eu o via “se escondendo” por detrás daquele papelzão grandão cheio de letras, palavras, números, figuras e fotos. E eu ficava surpreso e impressionado com a velocidade com que ele lia tudo aquilo tão rápido! E todo dia papai comprava um papelzão novo para ler!

Algum tempo depois, um pouco mais crescido, eu me apaixonei pelas HQs! Quem poderia resistir àquele encanto? Livrinhos fininhos, cheios de figuras, cheios de cor, de super-heróis, de superpoderes, de ação, de brigas e de porradas! E assim eu cresci acompanhado e fascinado pelos super-heróis: Super-Homem, Batman, Homem-Aranha, Capitão América, Thor, Incrível Hulk, Homem de Ferro, Wolverine, Magneto, Professor Xavier, e muitos outros. Enquanto isso, na escola, a professora mandava a gente ler aqueles livros chatos da coleção Vaga-Lume e daquele cara chato chamado Machado de Assis.

Mais tarde, minha paixão era a música! Lembro-me daquelas “festinhas americanas”, em que os meninos levavam refrigerantes e as meninas levavam algo para comer. E lá estava eu, dançando uma música lenta, abraçado com uma menina linda e não entendendo nada do que o vocalista estava cantando, porque a música era em inglês. Eu sempre me identifiquei com as músicas internacionais, em inglês, apesar de não entender nada. Mas, a minha curiosidade e o meu desejo pelo saber me motivaram a buscar o nome da banda e o nome e a letra da

música. Então, com a letra da música e com um dicionário em mãos eu tentava traduzi-la. Naquela época os computadores e a internet não eram populares como hoje e não havia sítios com a tradução pronta das músicas.

Com a aquisição do Nintendo e mais tarde do Super-Nintendo, eu vivia jogando videogame e muitos dos meus jogos eram do tipo “aventura”, dotados de uma missão, de uma história, de um roteiro. Durante esses jogos, no desenvolvimento da aventura, era de essencial importância compreender o diálogo entre os personagens para conseguir avançar no jogo. Devido à tecnologia (ou falta de) da época, os personagens conversavam por meio de balões, como se fosse uma revista em quadrinhos. Então, com a missão de compreender os diálogos para poder salvar a princesa (Alguém se lembra do jogo “The Legend of Zelda”?), eu copiava os diálogos no meu caderno e os traduzia com a ajuda de um simples dicionário. Lembro-me de ter jogado o dicionário várias e várias vezes contra a parede e contra o chão e de xingá-lo de “dicionário vagabundo” por não possuir várias palavras que eu procurava. Bem... só um tempo depois eu descobri que o dicionário não publicava os verbos conjugados, apenas seus infinitivos. Vivendo e aprendendo!

Devido à minha paixão pela música internacional e pelos jogos eletrônicos, minha vida girava em torno da língua inglesa. Consequentemente, eu acabei ingressando e me formando no curso de graduação Letras-Inglês da UFSC. Durante a graduação tivemos contato com o trabalho de vários autores mundialmente famosos, dentre eles: Joseph Conrad, Edgar Allan Poe, James Joyce, Virginia Woolf, Robert Frost e outros.

Atualmente, a graduação em Direito me exige leitura intensa, variada e às vezes cansativa, abordando temas de diversas áreas, que vão da psicologia, filosofia, sociologia, metodologia de pesquisa, até os infinitos artigos da vasta

legislação brasileira. Por isso, no cotidiano, no tempo livre que me resta eu gosto de fazer outros tipos de leitura e relaxar a minha mente.

No cotidiano, eu gosto de fazer leituras diferentes da convencional (palavras no papel), gosto de ler a tranquilidade do azul do céu, gosto de ler a energia do amarelo do sol, gosto de ler a leveza das nuvens brancas passeando pelo ar, gosto de ler a vida no verde das árvores, gosto de ler o cheiro da grama recém-cortada, gosto de ler o sorriso das flores, gosto de ler a alegria do canto dos pássaros, gosto de ler o frescor do vento soprando, gosto de ler a canção de ninar das ondas do mar, gosto de ler os mistérios da escuridão da noite, gosto ler a sedução da lua cheia, gosto de ler a eternidade das estrelas, gosto de ler a magia no brilho dos olhos das crianças, gosto de ler o sabor e o cheiro da comida, gosto de ler o aconchego do meu quarto e a maciez da minha cama. Gosto de ler e continuo lendo. Eu leio a paixão no beijo de casais adolescentes, leio o amor no companheirismo de casais idosos, leio a atração no rebolado das mulheres e a sensualidade nos decotes de suas roupas, leio o passar do tempo nos meus aniversários, leio a efemeridade da minha vida na mortalidade do meu corpo, leio o paradoxo da minha existência por ser tão insignificante para algumas pessoas e ao mesmo tempo tão importante para outras. Gosto de ler os textos da vida, gosto de ler o cotidiano. Ler é viver.

ELIANE FRANCA PEREIRA



Nasceu em Curitiba, SC, no dia 07/01/1984. Mora em Florianópolis. Formada em Psicologia. Atua como psicóloga na UFSC desde 2010.

UMA HISTÓRIA DE VIDA E LEITURA

Lembro-me pouco sobre a leitura na infância, mas posso afirmar que meus pais não tinham o hábito de ler. Meus dois irmãos mais velhos, que já estavam no primário, talvez me instigassem a ler e escrever alguns garranchos em seus cadernos, o que para mim era fantástico.

Na pré-escola, como assim chamavam, e nos primeiros anos, acredito que eu gostava muito de estudar, pois fazia todas as tarefas e sempre prestava atenção à professora, brincar não era o mais importante para mim.

Os estudos eram incentivados pelo meu pai, que sempre me elogiava quando tirava notas boas. Ele sempre dizia que eu precisava estudar para ser alguém algum dia. Assim, eu estudava mais e mais, e lia mais e mais.

Aprender a ler foi um dos maiores prazeres que tive na época, a satisfação de conseguir decifrar as letras, ler frases inteiras, parágrafos, folhas e depois livros.

Lembro-me que com pouca idade, li uma coleção na qual tinha o livro “O Monstro do Lago Ness”, fiquei muito curiosa para saber se a estória era real. Os gibis também fizeram parte da minha infância, pegava os dos meus irmãos e devorava-os, o que mais marcou foi o do Tio Patinhas e a estória da cidade perdida de Caxandu.

Na 4ª série, os livros indicados para minha idade já não me agradavam, eu precisava ler livros maiores, melhores, os da 8ª série em diante. Acredito que amadureci mais cedo em função das leituras que tive ou então que meu desenvolvimento também me direcionou para livros mais complexos.

No ensino fundamental, as leituras faziam parte de atividades extras, eu era adepta da pequena biblioteca do colégio todos os dias, livros e revistas eram os mais utilizados.

No 2º grau também estudei muito, li muito, fiz cursos de inglês e outros sempre exercitando a leitura. Fiz cursinho para entrar no vestibular e mais leituras. Ingressei no curso de Psicologia e então descobri que havia lido muito pouco e que a partir desse momento é que eu teria de ler muito mais. Teorias da personalidade, filosofia, sociologia e tudo sobre pessoas, comportamento, patologias e temas afins.

Depois disso, a leitura passou a ser instrumento de aprendizagem, necessidade, às vezes até obrigação, principalmente no Mestrado, com os artigos, livros, periódicos, dissertações e teses.

Eu prefiro ler por prazer, adoro revistas de moda, arquitetura e decoração, livros de romance, autoajuda, espíritos, sobre comportamento e personalidade. Sou louca por cinema, teatro, televisão, artes, música. Entretanto, neste momento tenho

me dedicado mais às leituras para o Mestrado, pois são muitas e conto com pouco tempo para realizá-las, o que tem me frustrado. Mas, é só um momento.

Enfim, acredito que não há como viver sem leitura, nem como trabalhar ou estudar, ela faz parte de nossas vidas, é um instrumento pelo qual o homem pode transformar o seu meio e se desenvolver através do seu uso.

EVANDRA CASTRO DONATTI



Nasceu em Itajaí no dia 22 de agosto de 1962. Mora em Florianópolis. Formada em Pedagogia / Educação Especial pela UFSC. Atua como Coordenadora de Educação Inclusiva no Colégio de Aplicação na UFSC desde 2008.

AUTOBIOGRAFIA

Nasci em Itajaí. Vivi minha primeira infância na Rua Pedro Ferreira, onde nasceu a cidade, onde está a primeira igreja, onde corre o rio Itajaí-Açu, onde toda atividade marítima acontece, onde os navios anunciam sua chegada e sua saída com um forte apito. Era o centro comercial, com muitos estímulos para um bom letramento, assim eu lia, sem saber, o nome das ruas, das lojas, dos navios e também o nome de algumas guloseimas comercializadas na Bomboniere dos meus pais. Em 1969 conheci a televisão. Reuníamos-nos em grandes grupos para assistirmos às primeiras novelas, “A Cabana do Pai Tomás” e a “Ponte dos Suspiros”. Inesquecível foi assistir à chegada do homem à Lua.

Minha primeira escola foi o Grupo Escolar Victor Meirelles, onde fui alfabetizada com as famosas cartilhas. Um processo enriquecido com os mais diversos recursos linguísticos, como declamação de poesias, jogral, coral, teatro, etc.

Minha mãe era uma grande incentivadora da leitura, se esforçou para adquirir algumas coleções dos melhores escritores brasileiros, enciclopédias, dicionário, etc. Mas confesso que as revistas com novelas em quadrinhos e os gibis da Walt Disney me chamavam mais a atenção do que os livros.

Minha preocupação com o vestibular me levou a fazer o ensino médio no Colégio Salesiano. Nessa fase as leituras foram intensificadas e além de muito conteúdo científico, me rendi à leitura dos famosos romancistas brasileiros.

No curso de Pedagogia as leituras eram diárias e obrigatórias, conheci as diversas teorias sociológicas, filosóficas, metodológicas, etc. Autores como Paulo Freire, Piaget, Maurício Tratenberg, Moacir Gadotti, fizeram parte da minha formação.

Quem trabalha na área educacional não tem como se afastar da leitura, precisa estar constantemente se atualizando. Em 2002, morando em Frederico Westphalen, fiz especialização em educação na URI. Senti muita dificuldade para sintetizar e elaborar textos e enquadrar tudo numa metodologia científica.

Não vou parar minha formação por conta das dificuldades. Pelo contrário, pretendo fazer mestrado. Minhas leituras, geralmente, estão relacionadas com a educação, porque no meu cotidiano de trabalho preciso de muitas informações, conhecimento científico e legal para defender e colaborar com a inclusão dos alunos com deficiências.

A leitura de outros temas me oferece muito conforto, porque me fazem esquecer a realidade, me levam a lugares e

tempos diferentes. E sem dúvida, não perco a oportunidade de apreciar um bom filme, um bom espetáculo de música clássica ou teatro

FABIANA ZANDONAI POETA



Nasceu em Chapecó, em 24 de fevereiro de 1984. Mora em Palhoça desde os nove anos. Mestre em Contabilidade (2012) e Bacharel em Ciências Contábeis (2008) pela UFSC. Ingressou como servidora da UFSC em fevereiro de 2010. Desde maio de 2012 exerce a função de Chefe da Divisão de Benefícios e Licenças, pertencente ao Departamento de Administração de Pessoal da SEGESP.

AUTOBIOGRAFIA

Minha primeira lembrança a respeito de livros remete ao período de pré-escola, daqueles livros didáticos de completar, desenhar, etc. Pelo fato de meus pais não lerem praticamente nada, exceto pela Bíblia que acompanhava e acompanha minha mãe, não fui incentivada à leitura, restando apenas o incentivo escolar. Como caçula de três filhas, lembro-me de quando minha irmã do meio leu e cantou o Hino Nacional para mim, na cama, como uma brincadeira. Claro, afinal eu devia estar chateando-a bastante antes de dormir! Porém, aquela brincadeira foi tão marcante, encantaram-me tanto aquelas palavras bonitas do

Hino, que rapidamente eu o decorei e pedia repetidamente para que minha irmã cantasse para mim.

Quando aprendi a ler, passei a interessar-me pelos livros que minhas irmãs utilizavam na escola. Lia e admirava as figuras de livros de Biologia, História, Geografia, tanto que ainda lembro-me de suas capas. Ainda na infância, encantei-me com romances lidos, também, pelas irmãs. Eram coleções de histórias românticas, o que me despertou ainda mais o interesse. Porém, um tanto quanto preocupadas, minha mãe e irmãs proibiram-me de ler, pois era inapropriado para a idade. Enfim, quando fiquei mais velha e poderia lê-los, perdi o interesse, pois eram ultrapassados, *‘démodé’*.

O período em que mais li romances foi no Ensino Médio, por conta da preparação para o vestibular. A lista de livros atormentava desde o primeiro dia de aula do ano letivo. Porém, com tantas disciplinas para estudar, acabava deixando Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e tantos outros em segundo plano, e, finalmente, acabava lendo poucas obras na íntegra, passando pela maioria da forma mais rápida e preguiçosa que se pode ler, ou seja, seus resumos prontos.

A partir do momento em que ingressei no curso de Ciências Contábeis da UFSC passei a me familiarizar com os livros técnicos e científicos, principalmente sobre contabilidade e administração. Entraram em cena os princípios contábeis, balanços, análises e teorias diversas. Ao final do curso, para elaboração da monografia, descobri um novo tipo de leitura, os artigos. Esses entraram para o mestrado comigo, tantos e tantos artigos, não faço ideia de quantos já li. Além dos artigos, muitas páginas de livros, sim, páginas, pois não recordo de ter lido nenhum livro por completo nesse período. Concorro com meu orientador quando diz que “ninguém cita tudo o que lê e

ninguém lê tudo o que cita”, pois é assim que acontece com a maioria dos pós-graduandos, que leem (procuram) especificamente aquilo que lhes interessa no momento, e que é sempre tão específico. Nesse período aprendi também (ou estou aprendendo) a escrever artigos científicos, tendo escrito cerca dez trabalhos e conseguido a publicação de sete, entre eventos e periódicos. Nesta fase, com toda a dificuldade e complexidade, ver um artigo aprovado significa muito, é o reconhecimento de nossa dedicação. Além do mestrado, atualmente fazem parte de minha leitura cotidiana para o trabalho, ofícios, memorandos, relatórios, legislação de pessoal, entre tantos outros documentos que nos chegam diariamente.

Hoje, ao considerar a minha vida de leitura, entristece-me o fato de ter tido tão pouco interesse pelas obras literárias. O que faz despertar em mim o desejo e a promessa de, após o término do mestrado, que ocorrerá em breve, dedicar-me à leitura de obras prazerosas, como romances, contos, crônicas...

FERNANDA GUIMARÃES



Nasceu em Florianópolis em 18 setembro de 1974. Formada em Administração e Direito, tem pós-graduação em Gestão de Pessoas. Atua como administradora na UFSC, atualmente lotada na Biblioteca Universitária.

JERUSA MARCHI



Nasceu em São Miguel do Oeste, SC no dia 22 de julho de 1977. Mora em Florianópolis desde 1999. Formada em Ciências da Computação, com Mestrado e Doutorado em Engenharia Elétrica. É docente do Departamento de Informática e Estatística - CTC - UFSC desde 2010.

UMA INCURSÃO SOBRE A LEITURA EM MINHA VIDA

Não lembro ao certo quando tive meu primeiro contato com os livros. Lembro-me de pequenos cadernos de atividades, nos quais eu aprendi a pintar, atividade que, seguramente, era minha favorita. Lembro-me de meu pai me auxiliando a segurar de leve o lápis e a pintar respeitando as bordas do desenho. Meus pais não tinham o hábito de ler, nem de nos contar histórias para dormir. Contudo, lembro-me de um velho e já amarelado livro de poesias de meu pai. Este ficava em sua cabeceira, porém não lembro que ele me o tenha lido alguma vez.

Lembro-me de uma coleção de livros infantis que meu irmão mais velho ganhara. Talvez esses livros tenham sido a

primeira porta para o universo da leitura. Tais livros eram lindamente ilustrados e me faziam desejar saber as estórias. As que eu mais gostava eram a da “panelinha mágica” e a da “galinha ruiva”. Durante meu processo de alfabetização, lembro do gozo de descobrir o mundo das palavras: da caixa de fósforos à coleção de livros de meu irmão. Mais tarde, recebi a minha própria. E a li e reli infindáveis vezes.

Quando nos mudamos para São Miguel do Oeste, descobri a biblioteca pública, no subsolo do prédio da prefeitura, a poucas quadras da escola. Esse passou a ser meu endereço no contraturno. Lá, além de muitos livros, havia espaço para recreação, com contação de estórias. Lembro que minha meta era ler toda a estante de livros infantis. Ao acaso, escolhi um livro de Monteiro Lobato, e então me dediquei à leitura da sua coleção “O Sítio do Pica-pau Amarelo”. Passava horas lendo sobre as aventuras de Emília e seus amigos. Também gostava dos gibis, que minha mãe recebia de uma amiga. Depois vieram as solicitações da escola, as tais leituras obrigatórias. Li com gosto a grande maioria. Lembro de “Olhai os lírios do campo” de Érico Veríssimo, com sua descrição detalhada das cenas, de “O crime do padre Amaro” de Eça de Queirós e, é claro, não poderia esquecer de “Memórias póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis. Nessa época ainda frequentava a biblioteca e consumi, para além das leituras obrigatórias, muitos outros livros de Jorge Amado, Guimarães Rosa, entre outros.

Durante a faculdade, não tinha muito tempo para o que não fosse a leitura de livros técnicos sobre computação. Nessa época li “A volta ao mundo em 80 dias” e “Vinte mil léguas submarinas” de Júlio Verne. Também li alguma coisa de Carlos Drummond de Andrade e descobri as poesias de Vinícius de Moraes. Durante a pós-graduação, minhas leituras eram variadas: comecei a ler “Mundo de Sofia: Romance da História

da Filosofia”, depois li “O Discurso do Método” de Descartes, e “Diálogos” de Platão e navegava muito por sites de filosofia. Li António Damásio, Edgar Morin e Erwin Schrödinger, e outros tantos livros falando sobre mente, cérebro e cognição, buscando pautar a proposta de um modelo cognitivo, objeto de minha tese de doutoramento. Li J. Krishnamurti, Marcelo Gleiser, Richard Dawkins e outros tantos. Comecei a ler Saramago e me identifiquei muito com seu jeito peculiar de escrever. Já li alguns livros dele e pretendo ler outros tantos. Atualmente, estou lendo “100 anos de solidão” de Gabriel Garcia Márquez. Já comecei a lê-lo uma vez, mas não conclui a leitura e também está na estante “O pêndulo de Foucault” de Umberto Eco, que também já iniciei uma vez e não conclui.

Não tenho critérios para escolher livros. Os leio por indicação de amigos, por indicação de sites ou jornais ou simplesmente por me interessar pelo que está escrito na contracapa. Às vezes leio mais, às vezes menos. Não sinto obrigação de concluir leituras, nem de ler os livros “da moda”. Sempre encarei a leitura como uma distração e um passatempo. Gosto de ler, pelo prazer de ler.

JONAS GOLDONI

Arquivo pessoal.

Nasceu em Foz do Iguaçu, PR, no dia 02 de agosto de 1983. Mora atualmente em Chapecó. É formado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atua como técnico de laboratório na UFFS campus Chapecó desde agosto de 2013. Foi servidor da UFSC entre 2011 e 2013.

AVIÕES, DISCOS E CIFRAS.

Em 1983 nascia este cidadão foz do iguaçuense que voz narra. Sou o caçula dentre três irmãos ou como se costuma dizer no Paraná: a “rapa do tacho”. Pertencço a uma família de pai “barrageiro” – como se intitulam os profissionais responsáveis pela construção de usinas hidroelétricas – tendo eu nascido durante a construção daquela que ainda hoje ostenta o título de a maior hidroelétrica do mundo, a Itaipu.

Apesar de meus pais não terem frequentado a escola por muito tempo, apenas o suficiente para a alfabetização básica,

devo a eles o incentivo a leitura que me fora passado. Por serem cristãos, diariamente dedicam ao menos meia hora diária para leitura da Bíblia e literaturas diversas sobre temas bíblicos.

Durante minha infância pré-escolar, tenho clara a lembrança de duas obras que foram as primeiras a me inserir no mundo da linguagem. A primeira, um livro que contava a história da aviação mundial, o qual continha inúmeras figuras de aeronaves, desde as primeiras e mal sucedidas máquinas voadoras até os modernos aviões da época. Lembro-me da fascinação que tinha por aquele livro. Meus pais o adquiriram de um mascate. Segundo eles, eram raros os dias em que não segurava o livro e pedia para que alguém o folheasse comigo. Mesmo não sendo capaz de gramaticamente o ler, aquelas figuras me encantavam e alimentavam minha imaginação. Após ser alfabetizado ele continuou sendo meu fiel companheiro, pois então eu conseguia ler as legendas das figuras e os textos ali contidos.

Ainda sobre esse período, lembro que compartilhava com meus irmãos uma coleção livretos ilustrados sobre histórias bíblicas, os quais eram acompanhados cada qual por um pequeno disco de vinil (como os encartes de CDs e DVDs de hoje), que narravam as histórias ali contidas. Ouvir os discos e acompanhar as histórias através das figuras fazia com que as imagens ganhassem vida em minha mente.

Já nos primeiros anos na escola, não são muitas as lembranças sobre algum tipo de literatura específica, lembro-me apenas das tarefas contidas nos livros didáticos. Já durante o ensino fundamental, lembro-me de algumas obras da série Vaga-Lume, como “O Mistério do Cinco Estrelas”, “O Escaravelho do Diabo” e “Garra de Campeão”.

Durante o ensino médio li as obras de praxe em detrimento de exigências dos professores de literatura, como

“Moreninha”, “Escrava Isaura”, “Vidas Secas”, “Cortiço”, “Um Certo Capitão Rodrigo”, entre outros. Também me aventurei pelo mundo das cifras, quando participei de um curso de violão e passei a adquirir inúmeras revistas contendo músicas cifradas.

Durante a faculdade me detive apenas a leituras específicas da área de graduação. Também nesse período passei a compreender um pouco mais sobre a língua inglesa, uma vez que eram vários os artigos nesse idioma que eu necessitava estudar para apresentação de seminários e demais atividades acadêmicas.

Após a graduação, durante cinco anos atuei como docente no ensino médio em instituições públicas e privadas em minha cidade natal. Tive a oportunidade de lecionar durante dois anos em um colégio voltado ao público Libanês (Foz do Iguaçu apresenta a segunda maior colônia de imigrantes libaneses do país), no qual além de aprender um pouco sobre a cultura desse povo, tive contato também com seu complicado idioma. Sem falar na língua espanhola, que por uma questão geográfica é quase uma unanimidade conhecer por lá. Quanto à leitura nesse período, ela se resumia apenas a revistas semanais, como Veja e Isto É, que se tornaram minhas fontes de informação (e desinformação), uma vez que trabalhava durante a noite, o que me impossibilitava de assistir telejornais, pois outrora isso sempre me fora um hábito.

Devido à rotina maçante em sala de aula a leitura nesse período não me dava prazer, pois infelizmente relacionava essa às atividades docentes, em que dedicava muito tempo na correção de tarefas e provas dos alunos. Desde que passei a atuar como técnico na UFSC venho tentando mudar este certo “drama literário”, buscando desenvolver o hábito da leitura. Apesar de minha leitura atual ser baseada em revistas semanais, blogs políticos e matérias na área de mecânica automotiva (esse,

meu *hobby*), tenho me dedicado à leitura de alguns *e-books*, sendo o primeiro deles o “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, de Leandro Narloch.

Minha meta é tornar a leitura (de livros propriamente dita) um prazer em minha vida. Espero assim desenvolver esse hábito para me sentir realizado e para que possa servir de exemplo aos meus futuros filhos.

MARCELO LARANJEIRA LUNA



Nasceu em Salvador, BA no dia 24 de agosto de 1986. Mora em Florianópolis. Formado em Engenharia Civil. Atua como Engenheiro na UFSC desde 2011.

VIDA DE LEITURA

Não me recordo muito da minha infância, embora não seja velho suficiente para ter esquecido. As leituras infantis sempre existiram, mas talvez não tenham tido outra motivação, senão aprimorar a leitura de quem acabara de aprender a ler. Sempre preferi as histórias verídicas às aquelas inventadas, por isso acredito que meu desejo de leitura voltou-se para os livros “didáticos”, propriamente ditos. Na escola, lia somente o obrigatório, apenas seguia as recomendações dos professores. Não que eu odiasse ler, talvez só não soubesse como tornar o momento da leitura mais agradável. Já adulto, passei a concordar com a ideia de que a leitura é fundamental, não que isso tenha me tornado um leitor assíduo, mas pelo menos passei

a estabelecer “metas literárias”, por exemplo, estabeleci que deveria ler 12 livros diferentes por ano.

O meu principal problema é a inquietação, não consigo ficar muito tempo parado lendo, pois começo a imaginar que poderia estar fazendo algo mais produtivo naquele momento, algo com maior serventia para o meu futuro próximo. Embora tudo isso não passe de uma tremenda besteira.

Algo contribuiu consideravelmente para que eu me tornasse um leitor mais assíduo: morar longe de casa, longe dos amigos e da namorada. Talvez a leitura tenha se tornado uma forma de conversa comigo mesmo, com os personagens, de uma forma ou de outra o tempo passava mais rápido. E foi assim por quase um ano, a leitura sendo a minha principal fuga e tendo finalmente conquistado o direito de ser útil.

Viajei pelo “Código da Vinci” em busca do Graal, transpus a barreira da “Fortaleza Digital” e me indignei profundamente comigo mesmo ao ler “O Menino do Pijama Listrado”. Eu não pude conceber a ideia de que ao longo da trama, mesmo sabendo que milhares de judeus estavam sendo mortos, eu tenha ficado “mais triste”, com a morte do personagem principal, digo “mais triste”, pois a morte do Bruno foi a que mais me comoveu. Aquilo para mim foi o cúmulo: como eu poderia estar julgando diferentemente situações absurdas e inconcebíveis?

O pior é que a justificativa de que tal fato ocorreu por se tratar de uma criança não é válido, pois eu sabia que também morriam crianças nas câmaras de gás. Moral da história: acho que o autor do livro conseguiu atingir perfeitamente o seu objetivo ao escrevê-lo, pois de uma maneira ou de outra ele fez os leitores perceberem que o que parecia normal era na verdade um grande absurdo e talvez um dos maiores erros da humanidade.

No momento não tenho tido muito tempo para ler, sei que parece uma desculpa, mas estou cursando duas pós-graduações e trabalho 8 horas por dia, então o tempo é realmente escasso e, o pouco que me sobra, tenho dedicado às leituras científicas.

MARCO ANTÔNIO SCHNEIDER



Nasceu em Santa Maria, RS, no dia 17 de maio de 1973. Mora em Florianópolis desde 2008, quando foi redistribuído da UFSM para a UFSC. Formado em Ciências Contábeis pela UFSM, possui Pós-Graduação na área de Contabilidade Pública e Responsabilidade Fiscal pelo Centro Universitário UNINTER. Servidor Técnico-Administrativo em Educação, desempenha suas atividades junto à Coordenadoria de Capacitação de Pessoas, ligada ao Departamento de Desenvolvimento de Pessoas da Secretaria de Gestão de Pessoas.

AUTOBIOGRAFIA

Para quem nasceu na chamada “cidade cultura do Rio Grande do Sul”, Santa Maria, em meados de 1973, cidade assim denominada por abrigar a primeira universidade federal brasileira criada fora do eixo das capitais e outras faculdades, posso informar que nestes trinta e nove anos de história não fui um assíduo leitor.

Meus primeiros passos na arte da leitura remetem-se às cartilhas de iniciação às letras para a formação das palavras,

distribuídas no primário. Mais tarde, já estimulado por minha genitora, normalista catedrática, lembro-me de ter me deliciado em decifrar um dos exemplares que ela possuía dentre seu acervo didático, a obra romancista intitulada “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida. Depois vieram outras, “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, ambas de Machado de Assis... Porém, com o início do bacharelado em Contabilidade, o viés da leitura foi transferido para as obras da administração, da economia, do direito..., de autores como Franklin Santos, Marcelo Alexandrino, Deusvaldo Carvalho, Eliseu Martins, assim como a leitura pormenorizada de artigos, códigos, leis, entre outros.

Desde a infância, sempre que me deparo com os gibis do Maurício de Souza, fica impossível não dar atenção às histórias da Mônica, do Cebolinha, do Cascão, do Chico Bento. É quase uma fixação. Não menos fascinantes os quadrinhos do Homem-Aranha, do Superman, do Batman.

Já na esfera informativa, fui assinante das revistas Veja, Época, Superinteressante e Seleções Reader's Digest.

Atualmente, debruço-me ao deleite de livros esotéricos de auto-ajuda. Tenho lido muitos exemplares do Luiz Antonio Gasparetto, dos quais cito: “Para viver sem sofrer”, “Verdades do Espírito”, “Revelação da luz e das Sombras”, “Tudo pelo Melhor”, “Um dedinho de Prosa” e “Fique na Luz...”. Apreciei, também, obras do médico da inteligência Augusto Cury, como: “Você é Insostituível”, “O Mestre da Vida”, “O Mestre da Sensibilidade” e “O Mestre Inesquecível”. Combinado a isso, procuro enriquecer-me dos acontecimentos do cotidiano mediante a leitura de textos informativos e variedades no ambiente virtual, em sites como terra, g1, clicrbs, yahoo...

Enfim, possuo, como qualquer mortal contemporâneo, a curiosidade aguçada pela cultura da informação na qual nos

situamos, tentando colher, da forma mais eficiente possível, os frutos da boa leitura.

NELIZE MOSCON MARAFON

Nasceu em Xavantina, SC, em 1983. Formada em Serviço Social, fez Residência Multiprofissional em Saúde da Família também na UFSC e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFSC. É Assistente Social servidora da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis desde 2010.



AUTOBIOGRAFIA

Nasci em 1983, terceira filha de uma família de pais agricultores, que moravam no interior de um município muito pequeno, atualmente com 5.000 habitantes. Não me lembro de ter visto livros em nossa casa, nem de ter ouvido meus pais contarem histórias antes de dormir. Eles não tiveram muitas oportunidades de ter contato com os livros, estudaram somente até o quarto ano do ensino primário. Por conta disso lembro que já nos primeiros anos do ensino fundamental, eles não conseguiam nos ajudar nos deveres de casa.

Minha escola do ensino primário era do tipo multisseriada, ou seja, a professora dava aula para as quatro turmas numa mesma sala, intercalando as atividades entre as quatro turmas e também com o preparo da merenda. Foi nesse espaço que conheci os livros. Foi a professora quem contou as

primeiras histórias, da abelhinha, da escova, do índio... Ela fazia o som das letras, colocava no quadro a grafia e tentávamos copiar.

Desde os primeiros anos que entrei na escola, fui muito apegada aos livros e desde então vivia com livros na mão. Toda a família dizia que eu seria professora quando crescesse e acho que eu também acreditava nisso. Brincava muito com as amiguinhas de professora, escrevendo com giz na porta do roupeiro.

Nessa escola do interior, a professora buscava novos livros de leitura na escola da cidade, a cada quinze dias, e devolvia aqueles que ela tinha pegado anteriormente. Minha meta passou a ser ler todos os livros trazidos por ela. A grande maioria era livros pequenos, histórias em quadrinhos. Fazíamos também concurso de contar histórias e isso incentivava os alunos a lerem o maior número possível de livros.

No ensino fundamental e médio foi quando tive contato com um número maior de livros, uma “biblioteca” que era composta de umas duas prateleiras. Conheci a enciclopédia Barsa, os livros da série Vaga-Lume, de Agatha Christie e passei a ler muito. Era um mundo muito distante que eu visitava sempre que abria um livro, um mundo com coisas muito diferentes daquelas na vida no campo. Eu ia para a escola de manhã, e quando chegava em casa, depois do almoço, deitava na cama e a viagem começava. Li vários livros de literatura nacional também nesse período, como Machado de Assis, Lima Barreto, Aluísio de Azevedo e também da Clarice Lispector.

Fiz vestibular para a UFSC duas vezes. Na primeira tentativa sem sucesso, para Jornalismo. Depois deu certo em Serviço Social. Tive dificuldade em encontrar os livros indicados na biblioteca do colégio e também não tinha acesso à

internet. Dos dez livros indicados, consegui ler ou obter resumos de apenas dois ou três.

Na faculdade de Serviço Social foi um mundo totalmente diferente de leitura, que muitas vezes me perguntava “O que é isso?”, “O que eu estou fazendo aqui?”. Livros densos e que exigiam uma leitura e releitura, como Marx, Gramsci, entre outros que muitas vezes iniciava e nunca terminava por completo, mas sempre fazia as leituras obrigatórias para as disciplinas. Foram muitas leituras, muitos trabalhos que exigiram muita dedicação.

Na pós-graduação em Saúde da Família, a exigência de leitura foi crescendo, leituras em geral de minha área de formação e outras tantas específicas da área da saúde, de legislações, cujas indicações ficaram marcadas na última página do caderno e depois, com a aprovação no concurso e ingresso na UFSC, nunca mais foram revistas.

As leituras dos últimos dois anos passaram a ser sobre as demandas de trabalho do setor e também para atualização de temas que a profissão tem apontado. Leituras que tenho feito hoje “sem obrigação” são nos finais de semana, geralmente são romances, os últimos que li são: “A menina que roubava livros”, “A cidade do sol”, “O caçador de pipas”, “O Aleph”, e revistas sobre temas de saúde e nutrição que eu adoro. Além do material do curso de inglês. Apesar da disponibilidade de obras em meio digital, prefiro ter em mãos o papel, sentir o peso do livro, folhear as páginas.

Gostaria de ler mais por prazer, por distração, temas que não exijam tanta atenção, mas parece que sempre colocamos outras atividades como prioridade na nossa vida. A leitura exige esforço, hábito, certa persistência, mas sempre ficamos satisfeitos com a recompensa que recebemos ao final. É um

mundo novo que se descobre cada vez que abrimos um livro com vontade de explorá-lo.

SIMONE DOS SANTOS VICENTE



Nasceu em São Paulo no dia 20 de julho. Mora em Florianópolis-SC. Formada em Desenho Industrial. Atua como Auxiliar Administrativo na UFSC desde 2002.

DA PREGUIÇA DE LER À PAIXÃO COMPULSIVA...

Nasci em São Paulo em 1968, meu pai é mineiro e minha mãe mato-grossense, eles se conheceram e se casaram em São Paulo. Ambos possuíam muitos irmãos, da família da minha mãe todos foram para São Paulo, meu avô, minha avó e todos os filhos, eles sempre foram muito unidos. Da família do meu pai apenas ele e um irmão mais velho foram em busca de um futuro melhor na cidade grande.

Eu tenho muitos primos, mas do sexo masculino era apenas um dentre todos, depois dele na família veio meu irmão caçula, as mulheres sempre foram a maioria, eu vim depois de várias delas, era uma das mais novas. Alguns tios se mudaram para o interior, mas apesar disso a família sempre se reunia, lembro-me de muitas viagens. Esse convívio com minhas primas me influenciava em praticamente tudo, e ainda por cima eu tinha

uma irmã mais velha, eu era uma expectadora de suas descobertas e experiências. Era sempre muita informação e eu me preocupava em não ficar para trás, tudo o que eu queria era ir para escola assim como elas. Como esperei por esse dia, mas quando enfim chegou o dia eu entrei em pânico, eu me lembro bem do grande desafio que foi.

O meu pai era semianalfabeto quando se casou, hoje em dia ele melhorou muito sua leitura, ele fez parte do tal programa do Mobral, mas ele era um excelente marceneiro e perfeccionista em seus projetos. Minha mãe chegou a entrar na USP em Educação Física, mas não pôde concluir o curso, o trabalho era questão de sobrevivência e isso vinha em primeiro lugar então ela sempre trabalhou fora. Conquistou cargos de extrema responsabilidade, não tinha tempo para nos acompanhar nas tarefas da escola. Mãe dedicada, amorosa, e mesmo não podendo nos acompanhar, era muito exigente e impunha respeito, quando desconfiava que eu não tinha estudado, não sei como mas ela sempre sabia, ele vinha me “tomar o ponto”, e eu estremecia. O meu pai sentia vergonha de admitir que mal sabia ler e tentava disfarçar, por isso não interferia na nossa educação escolar.

No prezinho, as atividades manuais eram a minha paixão, adorava colar, recortar, desenhar, pintar, esculpir massinha. Meus pais não prestaram atenção nisso e nem ao longo da minha vida escolar, pois na disciplina de Educação Artística eu sempre tirava nota dez, mas nunca fui incentivada a seguir uma carreira artística. Para as outras disciplinas eu me dedicava, mas não com a mesma paixão. Hoje eu sou formada em Desenho Industrial e continuo apaixonada por arte.

Minha iniciação à leitura aconteceu durante a minha alfabetização aos seis anos de idade na primeira série. Tanto na escola como em casa haviam os livros infantis, eu me distraía

muito com eles, haviam figuras e poucas frases para ler. A cidade de São Paulo sempre fora cheia de *outdoors*, atualmente o prefeito proibiu esses *outdoors*, mas a cidade é sempre cheia de coisas para ler, para onde quer que você olhe. Pequeninha no banco de trás do carro eu me viciiei em ler tudo o que enxergava. Também gostava muito de ler os gibis da Turma da Mônica e confesso que até hoje eu gosto.

Quando enfim chegou o tempo em que a professora nos passou um livro inteiro para ler e interpretar, eu senti muita preguiça, eu pensava que seria muito trabalhoso e demorado. Eu gostava de brincadeiras de rua, apesar de morar em São Paulo, minha casa ficava numa vila sem saída onde moravam muitas crianças, para conseguir ler aquele livro, eu teria que deixar de brincar na rua, então pra mim aquilo significou um castigo. Eu lia mas não prestava atenção no contexto da história. Quando tive que ler o “Pequeno Príncipe”, eu não entendi quase nada, mas me lembro de a professora nos dizer que aquele livro teria um significado diferente na infância e nos recomendou a lê-lo quando fôssemos adultos, pois teria um outro significado. Eu ainda não fiz isso, mas ainda pretendo fazê-lo. As frases clássicas dessa obra todo mundo conhece, e apesar de não ter lido novamente eu posso entender o que a professora quis nos dizer.

A minha preguiça foi desaparecendo aos poucos e houveram dois livros da Série Vaga-Lume que me marcaram bastante, um foi o “Escaravelho do Diabo”, livro de suspense, foi fascinante aquela leitura e eu não queria parar de ler até terminar. O outro foi “A Ilha perdida”, a leitura desse livro me transportou para aquela ilha. Foi quando eu percebi o que a leitura de um livro era capaz de nos fazer.

Todos sabemos que quanto mais lemos, mais desenvolvemos a nossa escrita, por isso eu também gosto de

escrever, mas eu nunca escrevi um livro apenas a minha monografia da graduação. Mas sempre escrevo muito, devido ao meu trabalho administrativo e hora ou outra estou escrevendo e-mails para meus filhos e alguns amigos que moram distantes. Uma vez namorei a distância, escrevia muitos e-mails cheios de emoções, e como essa relação durou uns três anos, teria volume para publicar um livro. Mas eles foram todos deletados, claro.

A leitura se tornou uma das minhas paixões, uma paixão compulsiva, eu leio de tudo, gosto de ler jornal, revista, sobre cultura de outros países, romances, suspenses, a Bíblia, minha lista é muito grande. Estou sempre lendo um livro, termina um e já quero outro, leio muito em casa e no ônibus para aonde quer que eu vá. Por motivos de forças maiores atualmente eu estou sem carro e se eu não tiver algo para ler dentro do ônibus eu fico deprimida. Felizmente eu não tenho problemas para ler em movimento, mas penso que isso é uma questão de sobrevivência mesmo.

Ainda bem que para a leitura exagerada não há contraindicação. Dizem que tudo o que é demais faz mal e talvez ler seja uma das únicas coisas a que isso não se aplica. Por isso vou continuar lendo compulsivamente.

TEREZA CRISTINA MEURER ANTUNES

Nasceu em Palhoça, SC, no dia 10 de fevereiro de 1978, reside atualmente em São José, SC. Formada em Ciências Econômicas na UFSC, com Especialização em: Administração, Gestão Pública e Políticas Sociais. Atua como Técnico Administrativo em Educação na UFSC desde Outubro de 2008.



A LEITURA NA MINHA VIDA...

Na infância, antes de dormir, eu sempre pedia a minha avó materna que me contasse uma história. Ela repetia inúmeras vezes a mesma história e, embora eu já soubesse o que iria acontecer do início ao fim, sempre parecia estar ouvindo pela primeira vez. Não raras foram as vezes em que ao terminar de contar a história eu pedia: Vovó conte de novo, só mais uma vez. Não tive muita variedade de títulos, mas lia e relia alguns contos de fadas clássicos como: “Cinderela”, “O patinho feio”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Os três porquinhos”, “Rapunzel”, “Branca de Neve” e outros. Apesar de repetir os títulos eu fazia uma leitura diferente a cada releitura, com um particular envolvimento e encantamento pelo texto. Como o acervo de casa não era muito vasto, eu aproveitava a pequena biblioteca do Colégio Estadual Altino Flores para deixar a imaginação criar

asas. Confesso que me encantava, a leitura sem compromisso, a leitura apenas pelo prazer de ler e dar vida a um universo particular que se construía a cada nova página. A criatividade e a ingenuidade e a imensa capacidade de abstração que o universo infantil promovia, possibilitava tirar os personagens das páginas dos livros e lhes dar vida nas mais diferentes brincadeiras. Na escola eu adorava as leituras das aulas de português, as interpretações de texto, que nessa fase não eram complicadas.

Com a passagem da infância para a adolescência, aumentou a carga de leitura obrigatória exigida pela escola, sobrando menos tempo para a leitura cujo início, meio e fim eram determinados pelo envolvimento na história, pelo quanto éramos sensíveis e estávamos seduzidos por ela. Com a chegada do vestibular começaram as leituras dos livros de literatura específicos para o vestibular. Ainda assim, apesar de ter que ler para passar, ter que fazer leituras de outros assuntos ao mesmo tempo e da pressão para conseguir uma vaga, gostei de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, “Memórias de um Sargento de Milícias”, “Dom Casmurro”. Até mesmo “Iracema” teve passagens das quais me recordo até hoje: *“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.”* Um conjunto de palavras disposto de forma tão harmoniosa que acaba tornando a obrigação mais leve. Alguns títulos, não consegui ler completamente, confesso que li apenas os resumos. Até as interpretações de texto que tanto me atraíam na infância, na adolescência eram mais complexas e para mim, nem sempre o texto queria dizer o que estava na resposta do exercício de

interpretação. Foi na adolescência também que surgiu o gosto por poesia, cheguei a receber uma medalha em um concurso estadual de poesia sobre a natureza e meio ambiente. O título da poesia era “Sonhei”, eu tinha quatorze anos, há vinte anos demonstrei na minha poesia a preocupação e o respeito pela natureza, que tão gentilmente nos presenteia todos os dias.

Depois, na faculdade, a carga de leitura no curso de Economia foi intensa, às vezes exaustiva e a leitura crítica despertava. A universidade é um bom exercício, um lugar aberto à diversidade cultural, à divergência de opiniões e à construção e reconstrução incessante do conhecimento. Certamente a universidade ampliou minha leitura, não apenas textual, mas de contextos, de pessoas, de situações de conjunturas. Uma experiência marcante.

Após a universidade, a inserção no mercado de trabalho demandou uma leitura bastante técnica. Artigos, revistas, jornais... uma busca frenética pela notícia. Informação quase sempre já está ultrapassada quando chega até você. Em um novo momento da vida, resolvi estudar para concurso público e tive contato com uma leitura diferente, legislações, normas, regras e condutas. Depois, a especialização foi uma tentativa de buscar uma melhor compreensão sobre o funcionamento do setor público. Novamente uma literatura informativa, instrutiva, mas para a qual eu já senti uma sensível diferença da universidade: a leitura crítica já estava um pouquinho mais desenvolvida.

Hoje tenho dois filhos, Heitor com três anos e Cecília com nove meses, minhas leituras se resumem a orientações sobre como cuidar de um bebê, educação infantil, além da retomada às histórias infantis antes de dormir. É muito gostoso retomar a magia da leitura depois de passar por um período em que muitas das leituras foram cansativas, feitas apenas por obrigação. Hoje escuto coisas como: “não, não, você não é

mamãe você é a raposa e eu sou o Pequeno Pímpi!” (porque “príncipe” ainda não sai muito bem). Ou: “mamãe eu sou porquinho?... não, mas eu sou Heitor, meu nome é igual o nome do proquinho”, e ainda: “eu sou o Poderoso THOR!” - enquanto ergue o batedor de carne como o martelo mágico. “O que é uma lâmpada mágica?”, “O tapete da sala vua?” (vua), “Por que não vua (vua) igual o do Aladin?” e assim por diante. O Angelino, o anjinho distraído, ajudou o papai e a mamãe a mostrarem como crianças e adultos devem estar sempre atentos aos perigos escondidos em casa (tomadas, mesas, objetos com pontas). As histórias costumam ter a própria versão de sua mente imaginativa. É fantástico. Quando está chegando a hora de dormir ele já vem com a musiquinha:

"Eu vou te contar uma história, agora, atenção!
Que começa aqui no meio da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha ligada ao coração
Quem sabia dessa história antes mesmo da canção?
Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão...".

E remetendo à minha infância, eu digo para ele: "senta que lá vem a história...".

Quando termino a história, já cansada, mal conseguindo manter os olhos abertos escuto ele pedir: "mamãe conta de novo, só mais uma vez, uma vez", e eu lembro, alguém já dizia isso à minha avó....

TIAGO ALEXANDRE VIKTOR



Nasceu em 8 de maio de 1985, em Salvador, BA. Ingressou no curso de História da UFSC em 2006, graduando-se em 2011, ano em que foi admitido como assistente em administração na própria instituição. Desde então, atua na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Desportos.

AUTOBIOGRAFIA

Quando criança, minha iniciação à leitura não deve ter sido muito diversa da maior parte das pessoas: minha mãe me contava aquelas histórias clássicas do Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho, dos Três Porquinhos, Pinóquio... Ela sempre lia essas histórias para que eu adormecesse, já deitado na cama. Como eu costumava enrolar bastante para dormir, e pedia-lhe para que repetisse as historinhas continuamente, minha mãe – já bem sonolenta e irritada – decidiu gravar as narrações em uma fita cassete, o que veio a lhe proporcionar inenarrável alívio ao final de suas noites, sem retirar aquele meu prazer literário. Mais tarde, já proficiente na forma de se mesclar as letras, pude dispensar o gravador.

Mas foi no primário que me aproximei de fato da leitura. Primeiramente com os gibis, mais especificamente com os almanaques da Disney, que a minha mãe adorava comprar quando eu ficava doente. Depois veio a fase do Zé Carioca, o meu (anti) herói preferido naquela época, que eu achava muito divertido. E por falar em herói, não posso esquecer-me da “Revista Herói”, da qual colecionei inúmeros números, muito na onda de um anime (desenho nipônico) que era exibido na TV Manchete, chamado “Os Cavaleiros do Zodíaco”.

Nessa época também me chegaram às mãos alguns livros, dos quais até hoje me recordo com carinho por terem me iniciado na leitura livresca. Lembro-me do “A vaca deslumbrada”, que trazia o bovino no nome, mas não na história. Li o “Meu Pé de Laranja Lima”, história pesada, planta que fala, pobre Portuga, que me causou espanto quando me deparei em suas páginas com um palavrão – “filho da pu...”... Ops! Eu achava que esse tipo de coisa não era permitido em livros. Mal sabia eu...

Eu já era um pouco maiorzinho quando um amigo da minha mãe, que já tinha me sanado algumas dúvidas sobre astronomia explicando que as estrelas eram bolas de fogo, me deu um livro chamado “A Revolução dos Bichos”. Era uma edição de bolso, e acho que minha cara não deve ter sido de grande entusiasmo quando ele disse algo do tipo “não ligue pelo fato de ser pequeno, é uma grande obra”. E era mesmo. Aquele cara que gostava de pizza de pepino com ricota não havia mentido, ainda que somente muito mais tarde, em “1984”, eu fosse interpretar com mais acuidade o profundo sentido daquela obra de arte da qual me proporcionara o deleite.

Na passagem para a adolescência, ainda sob a influência temática da minha mãe, também passei a me interessar por livros esotéricos e religiosos, o que, penso, deve ter ocorrido por

ter chegado à idade da razão. Foi um período de muitas e muitas leituras, que me trouxeram à consciência diversas formas distintas de se compreender o sentido das coisas, ou melhor, o sentido que podemos dar as coisas. Mas isso é outra história.

A entrada na faculdade acabou redundando numa espécie de ruptura com aquele tipo de literatura. Eu havia ingressado numa graduação em História, coisa trivial, que jamais supus que pudesse ter o poder de fogo sobre as nossas pré-concepções que o curso tem. E teve. Acabei cursando quase cinco semestres, e daquele período, minha memória bibliográfica mais viva foi a leitura de “Vigiar e Punir”, de um desconhecido (para mim) Michel Foucault, por gentileza de um professor que me emprestara. Outra coisa que houvera me causado certo impacto foi uma palestra em que um professor de filosofia – que já tinha me dado aula – falava sobre a questão da “leitura” de si e do mundo. Acho que foi a primeira vez que entrei em contato com uma noção mais ampla do conceito de “leitura”.

Pior que acabei mudando de cidade. Vim para Floripa, prestei vestibular – também para História – e passei. Logo, mantive-me na mesma senda de antes, incrementando grandemente minhas leituras dentro do viés historiográfico, só que agora nutrido por subsídios próprios ao ambiente de uma grande universidade. Curiosamente, eu viria a realizar a pesquisa do meu TCC justamente sobre uma revista literária e de pensamento da década de 1920, fazendo uma “leitura” do discurso político sobre a questão da nacionalidade brasileira veiculado pela publicação.

Nesse período universitário, apesar de todos os livros que li – e foram vários –, a obra que mais me chamou a atenção foi um filme. O bizarro é que era um filme B, talvez C, chamado “Eles Vivem”, a história de um cara que acidentalmente encontra um par de óculos escuros, aparentemente comuns e não

lisérgicos, que permitia ao seu usuário identificar seres alienígenas disfarçados de seres humanos, bem como todo o tipo de mensagens subliminares que tais criaturas emitiam, com o objetivo de alienar e controlar as pessoas. Que me lembre, essas mensagens apareciam, “à luz” dos óculos escuros, em propagandas espalhadas pela cidade e, sobretudo, na televisão. A melhor cena do filme era o cara percebendo todas as mensagens subliminares – do tipo “obedeça!”, por exemplo – contidas num noticiário do tipo Jornal Nacional. Era a primeira vez que eu via uma obra de “ficção científica” baseada, e descrevendo, fatos reais, conquanto travestidos de gozação. Naquele momento achei que talvez também estivesse usando aqueles óculos escuros, questão de segundos, pois logo caiu a ficha de que seria muita pretensão de minha parte.

Nesse mundo “globalizado” de hoje – da “informação” constante e instantânea –, a leitura tem para mim um sentido mais amplo, na linha do que havia proposto o aludido professor de filosofia. Não que não leia livros, pelo contrário. Só que, sem me dar muito conta, parece que as grafias cederam bastante do seu espaço para outros signos, ou, melhor dizendo, para a interpretação política dos signos, verbais, visuais, imagéticos, midiáticos etc., sem astrologismos. Signos cujas carapaças se debatem constantemente sobre nós, mas que são carregados de tanta matéria escura que sua leitura “plena” se compararia à visão do “Aleph”, conforme visto por Borges. Lê-los sem aqueles óculos escuros é sem dúvida uma experiência desafiadora... Compreendê-los, hercúlea. Afinal, como diria Sir Eric Arthur Blair, “Ver o que está na frente do próprio nariz é algo que requer esforço constante”.

POSFÁCIO

O Cronicar III, com suas 19 crônicas, traz elementos muito interessantes para enriquecer a vida universitária e para registrar parte das representações do imaginário de sua comunidade. São pequenas histórias, descrições e críticas, com muitas lembranças de experiências vividas em lugares especiais, em sua maioria na cidade de Florianópolis e nos seus arredores. Destaca-se, nesses relatos, o registro de expressões linguísticas típicas, de palavras que já não são mais usadas ao lado do registro de emoções, saudades, nostalgia, críticas, lamentos, alegria, orgulho e serenidade contemplativa, sentimentos que fazem parte da essência da vida humana.

O espaço do Cronicar torna possível e estimula a expressão literária dos servidores da UFSC. Isso permite que algumas idiossincrasias venham à tona, que lembranças que constituem parte da história de vida de cada um sejam “reconhecidas” pelo próprio autor e se tornem conhecidas da comunidade. Essa história de cada um, ao ser elaborada em crônica, também traz fragmentos e vestígios de situações históricas maiores que, talvez, em seu registro oficial, perderam muito dos elementos do cotidiano das pessoas e das características de cada região.

A escrita também pode ser um instrumento terapêutico, que nos leva a adotar um olhar diferenciado sobre nós mesmos e sobre os outros, abrindo novas perspectivas de lidar com as emoções. Estudos demonstram que a expressão emocional por meio da escrita traz benefícios à saúde física e psicológica. Essa expressão pode ajudar a reorganizar e melhor assimilar experiências passadas. Portanto, um espaço como o do Cronicar permite aos autores e aos leitores um saudável olhar para dentro de si, de seu passado.

Nas crônicas, elaboram-se e reelaboram-se experiências, significa-se e ressignifica-se a história pessoal a si mesmo. Vêm à tona a emoção, a arte, a literatura e a poesia. É como um processo terapêutico de buscar respostas para as eternas perguntas: “quem sou eu?”, “o que faço no mundo?”, “qual o meu lugar no mundo?”. As respostas a essas perguntas vão sendo construídas, ao longo de nossa existência, nos nossos vínculos com as pessoas, com a linguagem, com os objetos e com os espaços. Constituem-se, nessa trajetória, nossa identidade e nosso pertencimento a diversos grupos. Isso nos estrutura e estrutura nossa autoestima. É isso que é o nosso “ser no mundo”, e o ato de escrever cria condições para esses conteúdos emergirem.

Além da profundidade que pode ser a experiência de se escrever uma crônica, esse gesto também cria a necessidade de lidar com a escrita, de rever conceitos e regras linguísticas, sempre úteis e necessárias na comunicação. Lidar bem com a escrita, principalmente em um ambiente acadêmico, mas também burocrático, agrega valor a nossa vida profissional e melhora o fluxo dos nossos trabalhos.

Por tudo isso, considero o projeto Cronicar valioso para a Universidade e parablenizo a equipe da capacitação pela iniciativa desse trabalho, árduo e criterioso, de organizar e dar condições para que o projeto possa acontecer.

Lúcia Helena Martins Pacheco
Vice-Reitora da UFSC